



Mães de umbigo

ORGANIZAÇÃO *Júlia Morim*



*Mães
de umbigo*



Mães de umbigo

ORGANIZAÇÃO

Júlia Morim

TEXTOS

Elaine Müller

Júlia Morim

FOTOGRAFIAS

Eduardo Queiroga

Recife
Bebinho Salgado
2017

- 6 *Apresentação*
- 8 *Simbiose de saberes:
a parteira Maria
dos Prazeres de Souza*
por Elaine Müller
- 26 *Trelova, cheia de ideias
e parteira –
uma narrativa sobre
Josefa Alves de Carvalho*
por Júlia Morim
- 46 *Acada parto, um ano
a mais de vida –
Ser parteira para Maria
das Dores da Silva
Nascimento (Mãe Dôra)*
por Júlia Morim

Mães de Umbigo

O embrião do projeto **Mães de Umbigo** vem do desejo das parteiras de ter suas histórias preservadas em um livro. Desenvolve-se pela urgência em registrar e contar a trajetória dessas mulheres que “pegam menino”. Parteiras são mulheres detentoras de conhecimentos acerca de costumes, técnicas e saberes “da arte de botar gente no mundo”, como dizia o pesquisador Mário Souto Maior. Lideranças e referências de saúde nos grupos em que atuam, exercem múltiplos papéis em suas comunidades: além de parteiras, são agentes de saúde, mediadoras de conflitos, “psicólogas”, “juízas”. São mulheres dedicadas, lutadoras, que, dia ou noite, “acodem” outras mulheres que dão à luz. Suas histórias, que marcam e são marcadas pelo seu ofício, refletem a realidade da lida da vida.

Três mulheres referenciadas em suas comunidades, bem como em outros círculos, representarão, neste livro, o universo do partear tradicional em Pernambuco, parte integrante e importante do patrimônio imaterial do país. São histórias de vida bastante distintas que se cruzam por meio do ofício de “pegar menino”.

Maria dos Prazeres de Souza (Prazeres), moradora do município de Jaboatão dos Guararapes, Região Metropolitana do Recife, filha e neta de parteiras, já perdeu as contas de quantas crianças ajudou a nascer. Ela conta que vem fazendo a “simbiose” dos saberes tradicionais e técnicos acumulados em seu percurso de vida.

Josefa Alves de Carvalho (Zefinha), aprendeu “no susto” a assistir a partos, atendendo à necessidade da comunidade, no município de Caruaru, agreste do estado. Parteira há mais de quatro décadas, acompanhou mais de mil partos e acredita que aprender o ofício por meio da observação e ter sucesso nos atendimentos é um dom divino.

Maria das Dores da Silva Nascimento (Dôra), liderança e parteira Pankararu, iniciou-se no ofício aos 18 anos acompanhando parteiras mais velhas no momento em que mulheres das aldeias próximas davam à luz. Mantendo e transmitindo as tradições da etnia, cujo território está localizado no sertão de Pernambuco, Dôra é responsável pela inserção e formação de novas mulheres no ofício.

Este livro é uma ação do Museu da Parteira, cuja ideia partiu das parteiras vinculadas às Associações de Parteiras Tradicionais de Caruaru e de Jaboatão dos Guararapes. O Museu da Parteira nasceu e cresce como um centro de referência sobre o partejar tradicional, promovendo seus saberes e suas práticas, valorizando suas detentoras e transformando-se num local de reflexão e articulação de novas ideias e parcerias. Hoje, o Museu da Parteira representa um museu em processo, no qual uma série de ações vem construindo e propagando narrativas imagéticas, expográficas, documentais e biográficas acerca desse universo.

Simbiose de saberes:



a parteira Maria dos Prazeres de Souza

por Elaine Müller



Tecendo uma narrativa de vida

Quando fui convidada a escrever a biografia de Dona Prazeres, a conhecia há aproximadamente sete anos, tempo transcorrido desde minha primeira gravidez. Dona Prazeres me atendeu em dois partos domiciliares e, em cada encontro com ela, eu me surpreendia; seja pela memória meticulosa sobre acontecimentos de décadas atrás, seja pelo emprego de termos técnicos da obstetrícia ao lado de expressões das parteiras tradicionais, seja pela abertura para continuar aprendendo, mudando a prática, disseminando descobertas por onde passa, ou ainda por sua sagacidade em criar conceitos e (re)nomear coisas.

Quando lembro de Prazeres sempre penso comigo “senta, que lá vem história”. Na primeira vez em que ela foi à minha casa, quando acompanhava minha primeira gravidez, a encontrei na parada de ônibus e, literalmente, ela me contou sua vida desde o nascimento. E eu, sempre dada à boa conversa, me encantei. Com Prazeres o bom é mesmo deixar a conversa correr solta, com um assunto levando a outro, e a outro. Desafiante é estruturar uma entrevista com esta mulher.

Metodologicamente, definimos que as entrevistas seguiriam a ideia de narrativas de vida em situação, de Daniel Bertaux (1997). Sabemos que não podemos contar a história de vida de uma pessoa, mas sim narrativas que esta pessoa tece conosco sobre a sua trajetória. No método de Bertaux, a pessoa entrevistada é estimulada a falar de si, tendo um eixo principal em torno do qual a narrativa de vida se estrutura. Ou seja, estimularia Prazeres a contar sua trajetória tendo como foco principal o ofício de parteira. Quem conhece Prazeres deve agora estar dizendo “senta, que lá vem história”.

Estruturamos um roteiro mínimo que serviria de fio condutor para as entrevistas. Fiz um primeiro encontro com Prazeres, em sua casa, explicando

o projeto, conversando sobre o que entraria na biografia, contando um pouco sobre a minha vida, o terceiro parto que ela não acompanhou, as personalidades das crianças, e ouvindo-a falar sobre suas viagens, homenagens, atendimentos, seus netos e bisnetos nascidos e por nascer. Depois deste primeiro encontro, Prazeres adoeceu com chikungunya, demorando alguns meses para se recuperar plenamente. Algumas tentativas de entrevistas acabaram não se efetivando, não apenas pelo quadro de saúde mas também por conta dos estragos da chuva em sua casa com problemas de infiltração na laje. Convidei Prazeres a passar um final de semana em minha casa, no sítio em Jabotão dos Guararapes, local de um de seus atendimentos. Lá, tivemos três momentos de entrevista com gravador ligado, totalizando pouco mais de três horas de gravação, e muitas outras horas de canções e conversas descompromissadas, que, de uma forma ou de outra, eram sobre Prazeres, seu trabalho, eram suas narrativas. Estes momentos foram registrados pelo fotógrafo Eduardo Queiroga. O material foi transcrito e, na estruturação do texto, algumas dúvidas surgiram, sucedendo-se ligações telefônicas e outra tarde na casa de Prazeres. Nesta ocasião, acompanhada da pesquisadora Júlia Morim, o material já escrito foi lido para ela, completamos algumas informações, ela contou outras tantas histórias, comemos bolo, ouvimos suas cantorias e conhecemos seus gatos. Outras ligações telefônicas se fizeram necessárias, e Prazeres sempre se manteve disposta a falar sobre si e sobre os seus, sempre no mesmo tom de voz baixo, a fala mansa de quem tem muito a dizer e nenhuma pressa em contar.

No texto final, procurei ser o mais fiel possível às expressões utilizadas por Prazeres. Algumas vezes, as expressões aparecem entre aspas, mas em muitas outras elas simplesmente compõem uma narrativa que é minha, mas é dela também, como não poderia deixar de ser.

Para além das palavras escolhidas, trabalhar com uma biografia de dona Prazeres me fez pensar em como esta escritura sobre a outra não deixa de ser uma narrativa sobre mim mesma. Talvez pela alegria em compartilhar de sua simbiose, já que fala de alguém que me inspira cotidianamente, mas certamente por todo o processo que vivenciei com esta mulher, os encontros anteriores ao projeto, as falas emblemáticas em diferentes contextos, sua aproximação com

alguns dos eventos mais marcantes de minha vida... E como tudo isto impacta na mulher que eu sou, nas vidas de outras mulheres com as quais compartilho horizontes, na Antropologia que faço ou creio ser possível ser feita. Registro aqui, pois, um pouco de quem é Prazeres, posto que este texto reduz toda a riqueza de suas experiências em uma narrativa possível, e não deixo de, ao mesmo tempo, permitir que este texto fique registrado em mim.

Prazeres

Dona Prazeres, de Jaboatão dos Guararapes (PE), é parteira renomada e reconhecida em diferentes meios pelo seu ofício. Nascida Maria dos Prazeres Santos, em 16 de novembro de 1937, passou a assinar o sobrenome Souza após o casamento. Sua memória meticulosa, repleta de detalhes sobre os mais variados acontecimentos, lhe permite falar com segurança sobre sua vida desde o começo, ainda que de forma pouco cronológica.

Seu nascimento é cercado de certo mistério, que nem sempre Dona Prazeres está disposta a revelar. Sua mãe biológica, Nina, tinha curso normal (magistério pedagógico), mas era agente dos Correios no município de Currais Novos (RN). Já havia se casado quando conheceu Claudino Calixto, viúvo com cerca de 40 anos (a primeira esposa dele havia morrido na Maternidade do Derby). Segundo Prazeres ele era muito bonito, elegante e inteligente. Neste relacionamento, Nina engravida e precisa esconder a gravidez do então ex-marido, por medo de uma reação violenta. Fica alojada com uma prima na casa do pai, local onde Dona Prazeres nasceu, prematura de sete meses (talvez pelo esforço da mãe em esconder a gravidez apertando a barriga) e em posição pélvica.

Com 15 dias de nascida, uma senhora chamada Adelina foi buscar Prazeres em Currais Novos para trazê-la para a casa do pai, Calixto, em Jaboatão dos Guararapes (PE), onde vivia com uma segunda esposa, Francisca, que viria a ser sua mãe de criação e havia tido um bebê na mesma época, mas que faleceu.

Prazeres diz que Dona Francisca sabia toda a história e a criou como sua filha, mas ela própria só tomou conhecimento dos fatos aos 15 anos. Antes de conhecer Calixto, Francisca havia sido obrigada a se casar com um homem de nome João Maracá, por ter “se perdido”, embora nunca tenha vivido com ele.

Prazeres lembra que este casamento ocorreu em 1930, no dia em que mataram João Pessoa e foi um impedimento para que Francisca e Calixto se casassem, até a morte de João Maracá.

Prazeres diz saber que sua mãe biológica era uma mulher de ancas largas e baixa estatura, e se identifica com este biotipo, embora não tenha muitas informações sobre a família consanguínea.

Seu pai (nascido em 1897) era um homem de pele clara, filho de uma mulher com traços indígenas, extremamente educado. E sua mãe de criação era uma mulher bastante ciumenta, talvez pelas características pessoais de Calixto, ou os fatos da época quando o conheceu – Dona Prazeres não tem certeza se eles eram casados de fato quando Nina engravidou, mas certamente as gestações de Francisca e Nina ocorreram na mesma época. Esta personalidade ciumenta, no entanto, não estaria direcionada apenas para a desconfiança com relação à fidelidade de seu marido, mas teria se manifestado em outras situações da vida de Prazeres, como seu ingresso no curso normal e seu casamento com Severino.

Apesar da complexidade desta família, que nos anos 1930 já possuía um arranjo não convencional, não é bem este o aspecto que Dona Prazeres hesita em revelar. A questão é seu nascimento no Rio Grande do Norte. Prazeres se percebe como uma cidadã pernambucana, que inclusive busca reconhecimento pelo seu ofício nestas terras (ela concorreu ao Prêmio Culturas Populares, do MinC, e a Patrimônio Vivo, pela Fundarpe, tendo sido recomendada pelo comitê técnico no ano de 2009). Em 2017, Prazeres foi eleita *Patrimônio Vivo de Pernambuco*.

Prazeres é a filha mais velha de vários irmãos (ela própria não recorda quantos). Os nascimentos eram atendidos por Severina Roque, a parteira mais antiga do Pacheco, e também pela avó materna. Prazeres diz que os irmãos nasciam, e que destes nascimentos ela só ouvia o choro, já que não lhe era permitido assistir os partos, mas que muitos faleceram ainda pequenos, restando Prazeres, Berenice (dois anos mais nova) e Ana Maria (que nasceu em 1945 e foi a primeira a se casar, mas já faleceu).

Prazeres demonstra ter imensa admiração e respeito por seu pai, diz que era apaixonada por ele e o achava lindo, e com quem também se identifica por

traços de sua personalidade e escolhas da trajetória de vida. Com ele, aprendeu a boa educação, o respeito aos mais velhos, o valor do trabalho. Ela gostava de estudar, de ler, e diz ter sido uma aluna colaboradora, incentivada pelo pai.

Na escola e com o pai, Prazeres também aprendeu o gosto pela música, algo que traz consigo até hoje, nas músicas que canta, nas que compõe e em muitas paródias que faz, usando músicas consagradas como base para falas sobre o ofício de partear, a anatomia sexual e reprodutiva, o nascimento.

Calixto trabalhou até o dia de sua morte, algo que Prazeres imagina também para sua vida. Com ele se iniciou na religiosidade, tendo sido batizada aos cinco anos na Igreja Católica e aos treze na Igreja Batista de Tejipió, local que frequentou por muitos anos. Esta proximidade com a igreja evangélica não lhe permitia participar de algumas diversões comuns desta época, como o bumba meu boi e o maracatu. Depois de casada, passou a frequentar a Assembleia de Deus. Sua fé, no entanto, não a exime de reflexões críticas sobre a religião e a postura conservadora ou disciplinadora de algumas igrejas.

Prazeres parece ter sido desde pequena uma pessoa extremamente curiosa, que se esforçava para aprender sobre tudo à sua volta. Num tempo em que haviam tantos saberes interditos às crianças e às mulheres, temas como menstruação, sexo, gravidez e parto eram de fato grandes mistérios. Ela diz que quando menstruou pela primeira vez nem sabia bem do que se tratava e tinha vergonha. Ela percebe muitas mudanças na sociedade desde este tempo das toalhinhas higiênicas. Por um lado demonstra certo saudosismo, diz que antigamente havia mais respeito, não se usava tanto palavrão – “Quer dizer, mudou tudo, a gente tem que aceitar”. Por outro lado, é certo que Prazeres foi uma agente importante na promoção de mudanças bastante significativas, dedicando toda a vida a informar pessoas sobre estes temas tabus de seu tempo de infância e juventude.

Sobre casamento, Prazeres diz que casou tarde para a época, com 27 anos de idade. Ela antes começou a trabalhar, o que lhe despertou o interesse em prolongar os estudos. E também tinha preconceitos com os pretendentes. Não queria casar com homem do seu bairro, “pilantra”, homem que fosse preguiçoso ou que não fosse um bom filho, porque aprendeu com o pai que o primeiro

mandamento era respeitar os genitores. Seu pai era muito exigente e queria que ela se casasse com um homem de bem. E tinha exigências também para com a filha casadoura.

Prazeres não se envergonha em falar de sexo, usar expressões para se referir ao ato sexual (que variam a cada vez que conversamos) ou de contar que se casou virgem, embora tenha namorado muito antes de encontrar com Severino.

Prazeres e Severino se casaram depois de três anos de noivado, em 1964, mesmo ano em que ela concluiu o curso de Enfermagem Obstétrica. Aparentemente, ele havia não apenas conquistado o coração de Prazeres, mas também a aprovação do sogro Calixto, que faleceu em 1960, quando Prazeres e Severino eram namorados. Quando se casaram, foram morar na Vila Popular, em Olinda (PE). Dona Alaíde, parteira, foi quem “forrou a cama” do casal, e mais tarde atendeu o parto de Prazeres.

No casamento com Severino, Prazeres teve três filhos: Paulo, nascido em casa em setembro de 1967, prematuro com 1,900 kg, com atendimento de Alaíde; Izaque, nascido em casa em fevereiro de 1969, com assistência da parteira amiga Netilde; e Jane, nascida em junho de 1970, no hospital Santa Elisa, hoje Memorial Guararapes, com a amiga Netilde, que estava lá de plantão. É interessante que Prazeres tenha dificuldade de recordar as datas e horários de seus partos, mas não esquece os detalhes como o peso dos bebês e as equipes que a atenderam. Diz que era uma escadinha, que ela tirava licença maternidade e voltava para o trabalho já grávida.

Foram 24 anos de casamento, até a morte de Severino por problema cardíaco em 1º de abril de 1993. Prazeres diz que foram muito felizes, que viveram muito bem, que ela teve muita sorte no casamento. Se existiram dificuldades no relacionamento, elas não são lembradas por Prazeres. A morte de Severino foi uma perda muito grande, e ela diz que ainda hoje sente a falta de seu companheiro.

Hoje, Izaque é casado e tem 4 filhos e 5 netos. Jane é divorciada e tem 3 filhos e 7 netos. Paulo, o único filho ainda solteiro, mora na casa de Prazeres.

Além dos filhos de barriga, Prazeres adotou uma sobrinha, Marta, que é avó de uma jovem mulher, Lili, que também mora na casa de Prazeres com suas duas

filhas pequenas e a chama de mainha. A árvore genealógica dos descendentes de Prazeres tem, assim, sua complexidade, tal qual a história de sua origem, com filhos de sangue e de coração compartilhando do mesmo sentimento de família.

Ofício de parteira

Dona Prazeres diz que sua família soma mais de 150 anos de trabalhos de parteira ofertados em Jabotão dos Guararapes: a mãe Francisca, a avó materna Maria Justina do Ó e a bisavó Maria Zacarias (indígena) foram todas parteiras tradicionais. Muitas crianças que Prazeres assistiu nascer, hoje são avós.

Dos atendimentos da mãe, Prazeres não chegou a participar. Vez ou outra dava uma espiada por alguma brecha, ouvia os ruídos, com muita curiosidade. Seu interesse pelo ofício se intensificou após um episódio trágico ocorrido na vizinhança, em que uma vizinha morreu de parto, e ela refletiu: “O que é que se pode fazer?” Aí me deu aquela coisa assim, até hoje ainda tenho esse sentimento. Aí eu comecei mesmo com arte, eu comecei com cuidado.”

Prazeres tinha 17 anos quando fez o primeiro atendimento, de emergência. Contava apenas com experiência prévia em partos de pequenos animais, como gatas e cadelas, e com o que ouvia e espiava da mãe.

Agora uma coisa que eu ficava assim preocupada, sabe. Quando eu (lá não tinha porta de quarto, era cortina) aí eu abria assim a cortina e dizia “mas mamãe não tá não!” Repara como eu era curiosa, eu acordava bem cedinho, aí eu “cheiro de alfazema”... Eu ia até na casa que eu sentisse, até descobrir onde era o cheiro de alfazema, era minha mãe que tava atendendo parto. Agora um parto eu ainda olhei pelo buraco, a mulher “ui, am, não sei que”, eu ainda vi (...) “olhe...” E o primeiro parto que eu atendi sozinha, ela tinha ido fazer uma consulta no hospital Pedro II, aí a mulher chegou e disse: “Dona Chiquinha”, eu disse: “numa tá não, foi pro hospital Pedro II”. Eu disse, “o que é?” (...) “Olhe, é porque Dona Tetê, ela tá tendo menino sozinha, coitadinha, eu vim chamar dona Chiquinha”. Aí eu, “você quer que eu vá?” “Você sabe, minha filha?” “Sei.” (...) Aí eu saí, não levei nadinha. Nada! (risos) (...) Quando eu cheguei lá: “Tem uma tesoura aí?” “Tem, minha filha.” Taí, ainda botei pra ferver! Me deu na cabeça.

Aí atendi o parto, a placenta saiu, eu marquei os dedinhos, que mamãe disse que era três dedos, alisei o menino, é menina, chama-se Ivone, ela chorou bem, depois nesse tempo se dava banho, eu dei o banho, ajeitei, tudinho direitinho, óleo de amêndoa no umbigo, nesse tempo, fui embora. "Mas mamãe, não lhe conto..." "O que foi?" "E não é que eu atendi o parto da Dona Tetê?" "Como é Maria, você está louca?" Eu digo, "a senhora não me leva pra eu ver! Mas eu fiz daquele jeitinho que a senhora diz aqui". Ela tudo o que fazia dizia assim, não é? E eu ó, as antenas ligadas.

A mãe não dava detalhes sobre parto e parturição porque "aquilo não era coisa de moça". No entanto, contava sobre os seus atendimentos, o que era a forma tradicional de ensinar sobre o partear. Este primeiro aprendizado, pela oralidade, em forma narrativa, marcou profundamente a maneira de atuar de Prazeres. Mais do que isso, marcou sua maneira de se relacionar nos locais por onde passou.

Depois deste primeiro parto, Prazeres não começou a atender, mas ficava na expectativa e, quando uma mulher paria, fazia uma visita pós-parto sem que a mãe soubesse. O sinal que ela seguia era sempre o cheiro de alfazema, que ela diz ser usada ainda hoje nos encontros de parteiras tradicionais como um símbolo da tradição.

Aos poucos, Prazeres foi sendo referenciada como uma parteira que poderia ajudar as conhecidas da igreja, como Irmã Jonina, e ainda auxiliar a parteira Dona Alice (mãe de outra parteira, Deda, ainda viva mas não mais atuante). Depois de sua entrada no hospital, e de seus cursos, ela começou também a ser chamada para o atendimento das "brincas", como curagem (retirada manual da placenta):

Aí eu ia e fazia a retirada e a mulher não sofria nada, porque a minha mão, ôi. E eu fazia do jeito que o doutor Martiniano ensinou. "Você vai acompanhar a curva..." Ensinou tudo direitinho e eu fazia.

O aprendizado com este e outros médicos se iniciou com sua entrada na Maternidade da Encruzilhada, onde Dona Prazeres começou trabalhando como parteira prática (auxiliar na sala de parto), pois se sabia de sua experiência com atendimentos a partos domiciliares.

1 Dona Prazeres tem mãos pequenas, que ela diz serem parecidas com as de seu pai. Lembro que na primeira vez que a vi a delicadeza de suas mãos me chamou a atenção. Imaginei como era apropriado que alguém que precise "tocar" a mulher tivesse esta sutileza.



O primeiro lugar que Prazeres trabalhou foi o Isolamento², segundo ela, uma pequena maternidade. Lá, gostaram de seu trabalho e a incentivaram a fazer o curso de Prática de Enfermagem, que era ofertado dentro do próprio hospital e para pessoas que iriam trabalhar lá. Cada enfermeira escolhia uma praticante de enfermagem para acompanhar nos plantões. Dona Prazeres queria ser enfermeira para atender somente parto, e sua aptidão foi reconhecida por alguns profissionais que a incentivaram a continuar os estudos, cursando os quatro anos de curso superior em Enfermagem Obstétrica, graduação que ela concluiu em 1964.

2 A descrição do Isolamento que Prazeres traz o aproxima dos atuais centros de parto normal, local onde são feitos vários atendimentos obstétricos, mas não cirurgias.

Do aprendizado no campo da Biomedicina, seja através do trabalho no hospital ou no curso superior, Prazeres não se refere a leituras, provas, conteúdos que teria aprendido através do estudo de livros – embora certamente sua dedicação ao estudo institucionalizado tenha compreendido este universo do aprendizado pela leitura e escrita. O que ela lembra são acontecimentos daquela época, a maneira como os médicos e enfermeiras prestavam atendimento, ensinando-lhe as técnicas da obstetrícia. Novamente, é o narrar que se mostra como forma de disseminação do saber.

3 Simbiose é uma relação entre diferentes espécies na qual ambas se beneficiam. O conceito da biologia, acionado desta maneira por Prazeres, é muito bom para pensar as relações entre diferentes campos e a postura dela nestes meios.

A união dos saberes da tradição e biomédico, Prazeres chama de “simbiose”³. Diz que fez uma simbiose entre estes saberes e práticas e demonstra criticidade para com ambos, selecionando o que considera mais adequado, mais respeitoso

com a mulher, o bebê e o evento do parir/nascer. Isto fica bem claro quando Prazeres fala das mudanças no ofício de parteira nestes 60 anos de atuação: os cuidados no pós-parto observados pelas parteiras tradicionais das gerações anteriores, repletos de interdições que ela considera desnecessárias; o atual uso de ocitocina nos partos domiciliares atendidos por parteiras, que ela diz não gostar; a realização de intervenções rotineiras nos hospitais, como a Manobra de Kristeller; e, nos atendimentos domiciliares, a incorporação de novos elementos não praticados pelas parteiras tradicionais, como a presença do pai no nascimento, a sugestão de exercícios para a mulher em trabalho de parto, recomendação considerada uma boa prática pela Organização Mundial de Saúde, e a aceitação das escolhas das mulheres quanto à assistência e à preparação do ambiente. Esta facilidade de Prazeres em incorporar técnicas que ela percebe como eficazes abrange outros rituais, muitos deles propostos por uma nova clientela que busca pela atenção humanizada ao parto. Ela conta, por exemplo, do “ritual da placenta” feito por um pai que agradecia àquela fonte de vida para seu filho durante a gestação e a oferecia à terra. Prazeres diz ter achado isso muito bonito e ter contado a outro casal que também fez seu agradecimento.

Percebemos, assim, que a “simbiose” de saberes de dona Prazeres vai para além dos conhecimentos que ela adquiriu nos dois ambientes onde se formou parteira: na família e no hospital⁴. A aproximação com o movimento de humanização permitiu algumas revisões, mas, principalmente, referendou algumas ideias que Prazeres já tinha: sobre o parto ser da mulher, sobre o lugar que deveria ser ocupado pelo profissional, etc. A partir desta aproximação, Prazeres também incorpora novas práticas, como é o caso do carimbó, ou os “partos aquáticos”, como ela chama os partos feitos na água, e a preparação do ambiente da maneira como a mulher desejar (as parteiras tradicionais, com a alfazema, já tinham um entendimento de que a cena do parto é ritual, e como tal, merecedora de ambientação).

Se podemos observar diferentes paradigmas da assistência obstétrica (Davis-Floyd, 1992), é possível, em boa parte dos partos e nascimentos, identificar algo como uma matriz de conhecimento que baliza a assistência, Prazeres vem nos lembrar que não se tratam de universos em separado. Sua circulação entre diferentes cenários, parcerias, tutores e pupilas, nos lembra que parto é cultura, e que esta não possui contornos, limites ou fronteiras tão separadas

⁴ Ver curta-metragem *Simbiose*, de Júlia Morim (2017).

quanto desejaríamos enquanto acadêmicas que estudam o tema. Talvez pudéssemos aqui falar em microculturas, exercidas em pequenos grupos, que se identificam mais pelo o que partilham em comum do que pelas fronteiras que conseguem estabelecer com outras microculturas. E Prazeres soube partilhar de muitas coisas em todos os ambientes pelos quais passou, certamente.

Tendo circulado em ambientes de diferentes formas de transmissão de saberes e tendo feito a sua “simbiose”, quando perguntada sobre o que uma pessoa precisa para ser parteira, não é sobre o aprendizado que Prazeres fala. Ela ressalta atributos éticos e morais em torno da dádiva: a vontade, a vocação (algo que vem de uma escolha divina), honestidade, o trabalho com boa vontade (que inclui ajudar a lavar pratos ou fazer outras tarefas que ajude a família, se for preciso), não ser interesseira e pensar em dinheiro (“Ela tem que pensar de servir. E quem não vive para servir, não serve nem pra viver”).

Prazeres fala das suas “pupilas dilatadas”, mulheres que se aproximaram dela e com ela atenderam alguns partos, e sozinhas atenderam tantos outros sobre os quais as aprendizes e Prazeres apenas trocaram narrativas. Aqui, parece se repetir, certamente não da mesma forma, mas guardando semelhanças, a relação estabelecida entre Prazeres e sua mãe e com outras parteiras mais velhas. Com estas “mestras”, ela não aprendeu um saber proferido na forma de uma aula e também, não necessariamente, um aprendizado ocorrido *in loco*, como na prática da obstetrícia ou da enfermagem obstétrica em estágios e residências, sob o acompanhamento presencial de uma tutoria. Ela aprendeu, de forma narrativa, sobre uma perspectiva, uma forma de entender os eventos parto e nascimento, uma forma de posicionar os sujeitos e conduzir, ou ser conduzida, no cenário do ritual. Em outras palavras, Prazeres aprendeu e ensina a parteria⁵ da mesma forma que fala de si: narrando causos.

5 Justifico a utilização de “parteria”, um neologismo na língua portuguesa que seria a tradução para o espanhol de “obstetrícia”, por este me parecer ser um termo demasiado medicalizado para ser aplicado ao ofício das parteiras tradicionais.

Também justifico minha escolha pela predileção de Prazeres com a língua espanhola.

Acolhimento, cuidado e o reconhecimento

Prazeres dedica sua vida a lidar com temas que eram ou são tabus ou até mesmo interditos para algumas pessoas, e que rodeiam a vida das mulheres: a saúde sexual e reprodutiva, o parto, a amamentação e os cuidados com bebês. Não quero dizer que seja destino de toda mulher se tornar mãe, e a fala de Prazeres não caminha neste sentido. Ela ressalta o encantamento que tem com

o aparato biológico envolvido na reprodução e percebe o corpo da mulher como potencialmente preparado para esta função, porém nunca a ouvi dizer que fosse o destino de toda mulher se tornar mãe. Ela ressalta tanto o papel da mãe quanto o papel do pai nos cuidados e na educação dos filhos, falando da importância de uma educação que se inicia no ventre, através do cuidado para com a mãe, conversas afetuosas dos pais com o feto, a recomposição ou manutenção de um bom relacionamento entre pai e mãe e a mudança de perspectiva dos profissionais envolvidos. Para ela, estes profissionais deveriam conversar mais com a mulher, preparar os casais para o sexo e para o parto. De fato, este é o tipo de perspectiva compartilhada com as parteiras tradicionais, que estabelecem relações com as pessoas que envolvem o acolhimento, a educação e o aconselhamento, pois parteiras são chamadas em situações como o desejo de uma mulher engravidar, a ignorância sobre sexo, a amamentação e o parto propriamente dito.

Este entendimento foi o ponto central de alguns encontros que teve na trajetória de parteira, nos quais atuou como mediadora de conflitos e despertou novas consciências em alguns homens sobre o seu papel na família.

Embora não seja comum ouvir Prazeres se dizer feminista, é corrente suas falas sobre a defesa das mulheres. Inclusive em sua família, numa situação de contenda entre o filho e a nora, ela diz defender a nora se perceber que seu filho não está tendo as melhores condutas. Minha leitura diante destes pontos é a de que Prazeres, em seu ofício de parteira e em sua vida de mulher, teve e tem que atuar em meio a relações hierarquicamente desiguais entre os sexos e gêneros. Pensando que ainda hoje as mulheres enfrentam grandes desafios na tomada de decisões sobre sua vida profissional, ou no reconhecimento de suas escolhas como sendo legítimas, é de se imaginar que haveria de fato alguma tensão em torno de sua autodeterminação, por exemplo, na escolha de sua profissão (uma atividade que implica diretamente na rotina doméstica e domiciliar, dada a incerteza sobre os momentos nos quais estaria atendendo).

Temos observado que as parteiras tradicionais do Brasil vivem em um limbo de políticas públicas. Uma visão demasiado folclorizada sobre sua atuação é empecilho para serem incorporadas no sistema de saúde. Ao mesmo tempo, a observação de sua aproximação com as práticas de saúde, que hoje são



6 Prazeres costuma dizer que enquanto houver vida humana na Terra, existirão parteiras. É neste sentido que falo em “resistência”, mais do que em algum direcionamento teórico específico.

7 O Grupo Curumim atua no sentido da incorporação do atendimento prestado pelas parteiras tradicionais no Sistema Único de Saúde.

domínio médico, pode ser um empecilho para que sejam contempladas por políticas culturais. Neste espaço encolhido de atuação, é evidente que muitas parteiras tradicionais hoje estejam sem praticar plenamente o ofício, embora continuem a ser personagens importantes nas comunidades. Ser parteira tradicional representa uma forma de “resistência”⁶.

Nos anos 1990, Prazeres encabeçou a formação de uma associação de parteiras em seu município. O diálogo a respeito se iniciou com o contato com Paula Viana, do Grupo Curumim, ONG que há mais de duas décadas vem desenvolvendo ações com parteiras tradicionais, incluindo cursos de “capacitação” e “reciclagem”, e defendendo a importância das parteiras tradicionais se organizarem⁷. Durante um dos cursos de reciclagem promovidos pela Secretaria Estadual de Saúde, Prazeres dialogou com o técnico de enfermagem Válder Lima e com a parteira Suelly Carvalho, da ONG Cais do Parto (Olinda) e juntos organizam a Associação das Parteiras Tradicionais e Hospitalares de Jaboatão dos Guararapes.



No momento da fundação, em 26 de maio de 1996, a Associação agregava 80 parteiras e mantinha reuniões regulares. Como não tinham sede própria, os encontros aconteciam nos mais diversos lugares: no Cemitério de Santo Amaro, na estação de metrô de Jaboatão ou no Sindicato dos Servidores do Município.

Em 15 de maio de 1998, a Secretaria Municipal de Saúde de Jaboatão, na época sob a direção de Renato Bôto, ofereceu uma casa para a sede da Associação de Parteiras, no centro de Jaboatão. Parte da casa abrigava um posto veterinário e outra parte a Associação (num espaço com sala, minicopa, banheiro, alpendre e jardim). Esta sede, oferecida pelo prefeito Newton Carneiro em seu primeiro mandato, foi retirada das parteiras no último mandato do mesmo

prefeito. A justificativa foi a realização de uma reforma que separaria o posto veterinário da associação, porém a casa foi transformada em um Posto de Saúde da Família e a Associação de Parteiros nunca mais teve sede própria.

As dificuldades relacionadas ao andamento da Associação de Parteiros são diversas, conforme apontado na ocasião do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) realizado pelo Instituto Nômades: falta o entendimento das parteiros sobre o funcionamento de uma associação e a documentação necessária para sua regulamentação jurídica e fiscal, falta habilidade para a captação de recursos. Ou seja, faz-se necessário um aporte que capacite as parteiros para tocarem de forma autônoma a Associação.

É certo que a Associação das Parteiros Tradicionais e Hospitalares de Jaboatão dos Guararapes gerou uma memória que também é merecedora de atenção. Existem cadastros de parteiros, com os quais o Instituto Nômades já trabalhou na realização do Inventário (aparentemente caóticos, com pessoas cadastradas que não são parteiros, ou que não são de Jaboatão, com cadastros de parteiros falecidas e com ausência de tantas outras) e uma série de eventos, também caoticamente documentados, que constituem a história do trabalho das (ou com as) parteiros da região.

8 Nos incluímos aqui, notadamente no que tange as ações do Museu da Parteira, projeto elaborado em diálogo com as demandas colocadas pelas parteiros, tendo Prazeres como principal interlocutora.

9 Destaco aqui o recebimento do Diploma Mulher Cidadã Bertha Lutz, no Senado Federal (2008), além de inúmeras homenagens e representações exercidas em Pernambuco.

Não seria exagero dizer que esta Associação, hoje, se resume às ações empreendidas por Prazeres e por um pequeno núcleo de parteiros próximas a ela, que se organizam para demandas do poder público, de ONGs ou de instituições de ensino⁸, geralmente para participação em audiências públicas, recebimento de homenagem e ações pontuais de trocas de saberes.

O reconhecimento para a prática da parteria tradicional, neste sentido, tem sido realizado na forma de homenagens e prêmios para algumas mulheres, e Prazeres talvez coleciono o maior número deles entre as parteiros pernambucanas. Ela pode não ver o tempo de uma valorização de seu ofício na forma de políticas públicas, mas tem tido em vida o reconhecimento pelos mais de 60 anos de ofício de parteira. Além dos prêmios e homenagens⁹, Prazeres é referendada por outras parteiros como uma mestra, uma expert, sendo personagem importante na articulação destas parteiros em grupo.

À guisa de fechamento

Entre tantos desafios de uma escritura da narrativa de vida de uma mulher como Prazeres, me parece oportuno frisar algo sobre a polissemia e as metanarrativas envolvidas neste processo. Prazeres conta histórias dentro de histórias. Tece sentidos (e a trama da vida) nas palavras repetidas e inventadas por ela.

Complexa simplicidade. Prazeres narra a si com a voz suave e o contar desapressado. Não fala apenas de si, das práticas do partejar, ou do momento e contexto atual (sujeitos, verbos, tempos, espaços). Ela aponta caminhos e seu jeito de trilhá-los (método).

Compartilhar de suas narrativas é uma honra. Foi em meio a elas que pude perceber como ser parteira é algo muito maior que ser uma “pegadora de meninos”, porque a parteria tradicional não diz respeito somente ao partejar, mas também em levar para outras esferas da vida o que se aprende em cenas de nascimento: a paciência de esperar o fluxo da vida transcorrer, o conforto do cuidado quando se precisa de ajuda, a potência de coisas de mulheres (entre fisiologias, afetos, narrativas), a vida que se renova diariamente em pequenos e grandes gestos.

REFERÊNCIAS

DAVIS-FLOYD, Robbie. *Birth as an American Rite of Passage*. Berkeley, University of California Press, 1992.

BERTALUX, Daniel. *Les récits de vie*. Paris, Ed. Nathan, 1997.

INSTITUTO NÔMADES. *Relatório Final do Inventário dos Saberes e Práticas das Parteiras Indígenas de Pernambuco*. Recife, 2010.

_____. *Relatório Final do Inventário dos Saberes e Práticas das Parteiras Tradicionais de Pernambuco*. Recife, 2011.

_____. *Parteiras – um mundo pelas mãos*. Catálogo de Exposição. Recife, 2013.

MORIM, J., MULLER, E. GAYOSO, Daniella. Parteiras Tradicionais de Pernambuco: Saberes, Práticas e Políticas. In: *Seminário Internacional Fazendo Gênero 10*, 2013, Florianópolis. Fazendo gênero 10: desafios atuais dos feminismos: anais eletrônicos (recurso eletrônico). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.



*Trelova, cheia de ideias
e parteira –*



uma narrativa sobre Josefa Alves de Carvalho

por Júlia Morim

Entre memórias e deslembamentos¹

Não me lembro ao certo quando conheci Dona Zefinha, uma senhora de cabelos brancos, sempre bastante arrumada. Acho que nos cruzamos quando eu estava grávida de minha primeira filha e descobria o mundo da parteria tradicional. Uma aproximação maior se deu quando iniciei, em 2008, pelo Instituto Nômades, uma pesquisa sobre o universo de parteiras tradicionais no município de Caruaru (PE). Entramos em contato com a Associação de Parteiros Tradicionais de Caruaru, cuja presidência era ocupada por Dona Zefinha. Em uma primeira conversa com ela e sua filha, Fernanda, o clima era de desconfiança. Mas, aos poucos, os receios foram sendo desfeitos e os laços de confiança e de respeito se construindo. Ao longo do processo, ocorreram vários encontros, em momentos cotidianos e em ocasiões específicas, como uma reunião da Associação e o desfile de 7 de Setembro. Em 2013, Caruaru recebeu um desdobramento daquela pesquisa: a exposição fotográfica itinerante *Parteiros – Um Mundo pelas Mãos*², montada em praça pública, no centro da cidade, como uma forma de promover a valorização e o reconhecimento daquelas mulheres. O engajamento de Fernanda e Zefinha foi fundamental para a mobilização das parteiras e o sucesso do projeto. Em dezembro do mesmo ano, em um encontro de parteiras tradicionais, ocorrido em Brasília, passamos vários dias juntas, ela contando – e eu escutando atentamente – causos e histórias de sua vida. Histórias de liberdade, de luta, de dificuldades, de atrevimento. Histórias que precisavam ser contadas. Assim, surgiu o projeto *Mães de Umbigo*, que narra a trajetória de três mulheres pernambucanas. Trajetórias tão diferentes, mas ao mesmo tempo tão parecidas, que convergem no ofício de Parteira Tradicional.

Em 2015, em dois momentos distintos, estive a conversar com Dona Zefinha. Foram quatro intensos dias, com idas e vindas entre lembranças



e esquecimentos, em meio à feitura de um bolo para a festa da vizinha ou aos cuidados com o almoço e o jantar dos netos. Foram 77 anos revisitados e rememorados, em Caruaru, no sofá da casa, na mesa de jantar ou no quintal, ao som dos passarinhos; e nas ruas e na casa onde viveu por vários anos, no distrito de Itaúna. Seguindo um roteiro de entrevista pré-estabelecido, percorremos suas infância, adolescência, juventude, vida adulta, alegrias, tristezas, convicções e incertezas.

“Eu era muito trelosa, muito cheia de ideia”

Em 14 de agosto de 1938 nasceu, pelas mãos de uma parteira, em casa, no distrito Fazenda Velha, no agreste, município do Brejo da Madre de Deus (PE) – Josefa Alves de Carvalho, única mulher dos cinco rebentos de Aurélio Alves de Carvalho e Rosa Francisca de Jesus. Os pais eram casados no civil, mas, mesmo “naquele tempo”, a mãe não adotou o sobrenome do marido, ressaltava Zefinha. Os filhos foram criados trabalhando com os pais na terra do sítio³ de sua propriedade, no distrito de Fazenda Nova, plantando mandioca, milho, feijão, batata, açafrão, abacaxi, goiaba, pinha, manga, jaca, jabuticaba, entre outras frutas, raízes, verduras e legumes. Josefa, hoje mais conhecida como Dona Zefinha, lembra que os pais, após o dia de trabalho na roça, voltavam para casa com os animais de cargas abarrotados de mantimentos. A família também criava cabras, galinhas e jumentos. Produziam o que precisavam para sobreviver e os excedentes eram vendidos na feira de Fazenda Nova. Com o dinheiro arrecadado, compravam apenas o necessário: açúcar, sal e gás para a lamparina. Todo o resto era proveniente da terra e da força produtiva da família. Porém Zefinha, como única filha, foi criada com “muito dengo” e não auxiliava nos afazeres. Ficava brincando ou “se balançando na rede”, até os 8 anos quando passou a colaborar com os serviços da roça. Ela diz que os pais e os irmãos a “criaram com muito zelo”. Na casa de Zefinha a educação parecia não ter distinção de gênero. Os irmãos lavavam roupa, varriam terreiros, cozinhavam, faziam todos os “serviços de casa”. “Me criei feito um homem”, diz, fazendo referência à brincadeira de *quebra de braço*, às caçadas com os irmãos e também porque nadava, corria a cavalo, andava de bicicleta e chegou a ser goleira de futebol. “Tudo que meus irmãos faziam, eu queria e fazia também”.

1 Ouvi a expressão na fala de Francisca, parteira de Trindade (PE), em referência a esquecimentos de outra parteira: “Alice está com deslembramento”.

2 Versão online institutonomades.org.br/expo_parteiras/

3 O Sítio ainda pertence a Dona Zefinha e está sob os cuidados de seus sobrinhos, que moram em Fazenda Velha.

Quando ela tinha entre 10 e 12 anos, a família foi morar no sítio onde plantavam – antes moravam em um lugar e cultivavam em outro –, em Fazenda Nova, junto da Pedra do Cachorro. “Lá era muito bom. Era uma vida tranquila”. As lembranças desse período remetem aos mascates que passavam em frente ao sítio aos quais sua mãe comprava tecidos para costurar as roupas dos filhos. Dona Rosa era prendada. Além de fazer painéis de barro e costurar, plantava algodão, fiava e fazia lençóis e redes. Foi com ela que Zefinha aprendeu a costurar, atividade que mantém até hoje.

Por volta dos 8 anos de idade, Zefinha começou a frequentar a escola, em Itaúna. Para chegar lá, percorria com os dois irmãos mais novos – os mais velhos já trabalhavam como pedreiros –, cerca de duas léguas “de pés”. Foi alfabetizada nessa época. O dinheiro para comprar os livros e os cadernos para estudar vinha da venda das frutas que negociavam na escola. “Estudei pouco”, diz. O segundo grau, cursou adulta, quando morava no bairro de São Francisco, em Caruaru.

No sítio, que representou a fartura da infância, passou pouco tempo. Quando o pai começou a trabalhar como vigia no grupo escolar de Itaúna, para lá se mudaram. Ela recorda que, assim como no sítio, passava pela estrada, uma vez por semana, no dia da feira, um caminhão com tecidos, vendidos em cortes. Ao ajudar a dona a vender os tecidos, ganhava retalhos, os quais eram usados para vestir toda a família. Com acesso a esses tecidos aperfeiçoou a prática da costura.

Na máquina de sua mãe, aprendeu a costurar. Rememora que aos 8 anos coseu um vestido para si própria. Apesar de ter sido criada com “manha”, era proativa. “Eu era muito trelosa, muito cheia de ideia”, assim como a filha Maria, comenta. A costura do primeiro vestido, a ajuda na venda dos tecidos demonstram como Zefinha era dinâmica e determinada. “Era tão ligeira pra costurar, tão ligeira! Fazia a roupa num instante”. Chegou até a costurar para o espetáculo da Paixão de Cristo de Nova Jerusalém, ao qual assistiu diversas vezes.

Na adolescência, com cerca de 13 anos, conheceu uma família do Recife que estava em Fazenda Nova a passeio, para a qual passou a costurar. Ia para a capital e costurava. Apesar de não pagarem corretamente, a recompensavam com dinheiro e presentes. Além da costura, também cuidava da filha do casal.

Os laços estabelecidos com a família foram tão duradouros que o contato entre eles é mantido até os dias atuais.

Até os 25 anos viveu entre Recife e Caruaru – sem tempo até para namorar – costurando para essa família e seus amigos. Chegou a ficar 8 meses sem retornar à casa dos pais. Enquanto estava no Recife, frequentava uma escola no bairro do Espinheiro e “andava muito”. Ia muito à praia, em Boa Viagem. Conheceu o Mercado de São José, “barraca por barraca”, pois o casal com quem vivia era proprietário de lojas de couro e ferragens na Rua da Penha e na Rua Direita. Recorda que seu aniversário de 15 anos foi comemorado na Praia do Poço, em Cabedelo (PB), para onde ia com frequência. Lá chegou a ver a pesca da baleia, pois acompanhou um navio baleeiro. Nesse vai e vem, por um período, quando estava com 16 ou 17 anos, permaneceu em Fazenda Velha e foi professora de alfabetização para crianças do Alto de Santo Antônio, pela Prefeitura de São Caetano.

Como “não parava em nenhum canto. Só vivia no mundo, não tinha tempo de namorar”. Também não namorava porque “fazia tanta presepada, tanta doidice que os rapazes não aguentavam”. Não pensava em casar. “Casar pra ficar presa dentro de uma casa? Eu vivia no mundo”.

Itaúna – o casamento e a constituição da família

Zefinha conheceu Elias, que viria a ser seu marido – um mês mais jovem que ela, ressalta – ainda em Itaúna, pois haviam estudado na mesma escola. Em uma festa de Santo Antônio, 13 de junho, em Fazenda Nova, se reencontraram. Elias estava trabalhando com fundição e vivendo em São Paulo. Namoraram por quatro meses, até ele pedi-la em casamento. Aurélio não aceitava o casório da filha e preferia “vê-la morta”. Após Elias ameaçar atirar no sogro caso ela não fugisse com ele, Zefinha decidiu ir. “Eu casei sequestrada”, diz. Saiu às escondidas, às 22h, deixando um bilhete para a mãe a fim de consolá-la.

O casamento ocorreu na Igreja Matriz do Espinheiro, no Recife, em 10 de março de 1966. Foi festejado tanto no Recife quanto em Caruaru. Fixaram residência em Itaúna, onde Elias era proprietário de uma casa. O marido passou a trabalhar na agricultura, em terras herdadas dos pais. Gerenciava a plantação, os empregados e também era braço direito de alguns políticos da região.

Bastante conhecido em Itaúna, Elias era uma espécie de polícia do distrito – “o policiamento de lá quem fazia era ele” – e, por isso, era chamado de coronel. Segundo Zefinha, isso se dava porque ele, apesar de ser brincalhão e “muito bom pro povo todo”, não tinha medo e mantinha a autoridade. Quando ele mandava, as pessoas atendiam. Assim, qualquer queixa ou problema da região o chamavam para resolver.

Ele também era muito festeiro. Muitas foram as festas que os dois organizaram. “Tudo era festejado lá em casa. Tinha muitas festas por ano”. A festa de Ano Novo era a maior de todas e nunca deixou de acontecer. O limite da casa era pequeno e mesas e cadeiras tomavam a rua. Elias mandava matar um boi, providenciava cana de cabeça, vinda dos engenhos, pagava as despesas para o padre. As jarras com batidas eram dispostas na rua, com uma concha pendurada e vários copos descartáveis para quem quisesse se servir.

Com o passar do tempo, os filhos foram chegando e a família crescendo. Em 1967 nasceu o primeiro, em casa, com parteira. Foi um parto difícil e o bebê, José Elias da Silva, morreu com sete dias. Depois dessa experiência, teve mais quatro filhos. Os dois mais velhos nascidos com auxílio de parteiras em casa – onde foi morar com Elias e passaram 34 anos, até o falecimento do marido em 12 de novembro de 2000. Todos nascidos à noite. Primeiro veio Maria, num parto fácil, às 18 horas de 25 de dezembro, amparada por Comadre Alexandrina. Depois Dedé, que levou o mesmo nome do irmão falecido, pelas mãos da mesma parteira. Fernanda nasceu na Casa de Saúde, em Caruaru, pois Alexandrina havia falecido. Pela mesma razão Lili, a filha mais nova, nasceu na Fundação de Saúde Amaury de Medeiros (FUSAM), em Caruaru. Entre as duas últimas filhas, Zefinha teve uma gestação gemelar – dois meninos – que foi interrompida prematuramente, aos 6 ou 7 meses, após um susto por causa de um cachorro. As crianças não sobreviveram.

O casamento e a constituição da família não deixou Zefinha presa em casa, como cogitara na juventude. Continuou ativa e “cheia de ideias”. Recorda, em meios a risos, do episódio em que foi procurar o marido em São Paulo, deixando a filha recém-nascida com a sogra e a cunhada. Segundo ela, Elias ainda não tinha visto ela “fazer uma presepada”. Como o marido demorou mais que o esperado

a voltar de São Paulo, onde havia ido resolver a venda de um imóvel, ela decidiu ir em busca dele. Sem nunca ter ido até lá e sem dinheiro, deu um jeito vendendo algodão e pedindo emprestado. Deixou a filha aos cuidados da avó e da tia.

Eu entrei direto, cheguei junto da mesa, disse: “ô, vim deixar Maria aqui que vou embora pra São Paulo”. Ai elas olharam uma pra outra, assim. Ai ficaram caladas. Não me perguntaram – sabia como eu era malcriada e astuciosa –, não me perguntaram o que é que eu ia fazer em São Paulo, nem quando era que eu ia pra São Paulo, nem como era que eu ia pra São Paulo. Não me perguntaram nada!

Foi pra rodoviária, conseguiu uma passagem e seguiu apenas com o endereço onde Elias estaria escrito num papel. “Noite e dia dormindo dentro de um ônibus. Mulherzinha nova sem o marido saber, sem nadinha, sozinha pelo meio do mundo”. Chegou de madrugada, num bairro novo, com poucas casas, as ruas sem nome. Andou perdida até achar pessoas que explicaram a ela como chegar no endereço procurado. Chegando lá, chamou e Elias apareceu na janela assustado quando olhou ela embaixo, àquela hora da madrugada, sozinha, molhada, os pés cheios de barro, tremendo de frio e morrendo de fome.

Ele não disse nada. Disse que tomou um susto muito grande, que aquilo foi uma loucura, que podia ter acontecido alguma coisa comigo, eu não ter tido a chance de chegar onde ele tava. Mas não disse assim: “Pra que você fez isso? Você é doida?” Não disse não. Eu esperei ele dizer.

Resolvidas as pendências, retornaram de carro a Caruaru, juntamente como seu irmão e um compadre. No caminho de volta, seu irmão vinha lhe dando ordens, a exemplo da vez que o carro quebrou e ele não queria deixá-la descer do veículo.

Meu irmão é daqueles que reclama de tudo. Não deixa a mulher fazer nada. Ele é quem sabe fazer tudo. Até a roupa dela é ele que acha que sabe qual é que ela deve vestir. Meu irmão é desse tipo. Meu irmão pensando que eu era do tipo da mulher dele, querendo me dar ordem! Eu num tava nem ligando. Eu chegava descia, naquelas pensão (...) descia também. E ia pro banheiro sozinha. E ia prum canto e ia pra outro, comprava o que eu queria, voltava pro carro sozinha e meu irmão, eu vendo que ele queria me botar cabresto.

(...) Quando parou o carro quebrado lá. Desceram eles pra ver se um carro parava pra dar socorro. Os carros passavam à toda. Acho que fazia mais de hora que a gente já tava lá parado. Eu descí, arroteei, que eles tavam no fundo do carro, fui pra frente do carro. Daqui a pouco vi um carro pequeno, daí... aí o carro viu, passou um pouquinho, parou, voltou. Meu irmão quando viu eu pedir parada e o carro parar, só faltou me engolir.

A postura de autonomia de Zefinha é demonstrada por meio de suas atitudes ao longo da vida, muitas não vistas com bons olhos durante sua juventude. Sobre o episódio da viagem com o irmão ela diz:

Isso pra meu marido era uma honra e pra meu irmão era uma desonra porque mulher não era pra fazer aquilo. Aquilo era pra ser feito pelo homem. Tem muita cabeça no mundo que pensa diferente uma da outra, né. E hoje não é o tanto. Tempo era aquele que as mulher não tinha voz nem voto. Vivia sob a voz do marido. Sente. Sentava. Levante. Levantava. Coma. Comia. Não coma. Não comia. Eu nasci naquele tempo, que eu já tenho 75 anos, mas não obedecia às ordens que as mulher daquele tempo obedecia não, minha filha, de jeito nenhum.

O respeito por sua liberdade parece ter sido um dos segredos para felicidade no casamento. Mesmo precisando sair de madrugada para prestar assistência às mulheres em trabalho de parto, às vezes com pessoas desconhecidas, Zefinha diz que o marido nunca fez reclamação e brincava com o fato de ficar sozinho na cama enquanto ela saía “com outro homem”. Quando questionada se era feliz, ela diz:

Muito feliz. Muito feliz. Radiante. Eu fazia tudo quanto eu queria. E ele me amava, visse? Ele não dizia: “você é feia”. Ele me achava a mulher mais bonita do mundo e achava graça em todas essas presepadas que eu fazia. Ele se orgulhava. No lugar dele reclamar comigo pra eu não fazer mais, ele ficava se ocultando pra eu não perceber que ele achava graça, mas terminava que – eu era inteligente – eu conhecia que ele gostava. Às vezes, quando tinha um comentário, ele dizia: “não é. Parece que é doida, inventa cada coisa que misericórdia!”. Pra eu pensar que ele tava brabo, mas eu sabia que ele tava era gostando.

Diferente da maioria das mulheres de seu tempo, Zefinha não se dedicou aos afazeres domésticos, pois além de funcionários para esses serviços, contava com ajuda da mãe, que era sua vizinha, nos cuidados com os filhos. Durante muitos anos foi proprietária e gerenciou uma *venda* (mercearia), além de costurar e ser professora de corte, costura e bordados.



Tornar-se parteira

Em meio a tantas atividades, Zefinha nunca havia cogitado ser parteira. O contrário, tinha pavor de parto porque “o povo fazia um bicho de sete cabeças”. Porém, depois de parir seus filhos e viver suas próprias experiências, perdeu o medo. Quando prestou a primeira assistência ao parto havia parido três vezes. Lindalva, uma vizinha que não tinha ninguém para ajudar no trabalho de parto e chamou Zefinha para acudi-la. Repetindo as técnicas da parteira que a havia auxiliado no nascimento de seus filhos, Zefinha ajudou Lindalva a dar à luz. O cordão para amarrar o umbigo, já tinha em casa, pois usava na costura.

Quando eu tive os meninos, achei que era uma coisa normal e aprendi. Já aprendi em mim mesmo, comigo mesmo. Quando me chamaram para a primeira eu já fui confiante que sabia fazer. E fiz.

Depois do primeiro parto, foi buscar maiores orientações com as duas parteiras de Itaúna: Comadre Alta e Comadre Alexandrina. A notícia de que Zefinha havia assistido um parto espalhou-se. Passaram a chamá-la mais vezes e, assim, não mais deixaram de procurá-la. Com o tempo, foi “tomando conta”, assumindo o posto de parteira da localidade.

Depois eu tomei conta. Depois de Comadre Alexandrina. Eu tomei a profissão de Comadre Alexandrina. Também ela ficou velhinha, ficou sem poder fazer... ainda fez... depois que eu comecei ela fez alguns partos, mas muito pouco. Depois fui eu que comecei a batalha. Fiz parto e depois fazia parto daquele menino, ou menina, que eu já tinha pegado, já tava fazendo os partos dela.

Assim, as gestantes passaram a procurá-la para receber orientações, em sua residência ou na própria *venda*. Algumas deixavam combinado de ir até sua casa para “descansar”, onde, muitas vezes, ficavam por até 10 dias. “E assim, era tudo que é mulher daquela região, que tava grávida, me procurava”. Quando era chamada, deixava tudo – saía debaixo das cobertas e deixava o marido sozinho na cama, nas madrugadas, ou fechava a *venda* quando não tinha algum filho ou alguém para assumir – e ia atender ao chamado. Nunca recebeu pagamento pelo serviço. Quem tinha condições, dava um presente. Mas, na maioria das vezes, era Zefinha quem doava cestas básicas.

Com o passar do tempo, a necessidade da comunidade a fez querer continuar sendo parteira – apesar de ter pensado em desistir – e, parto após parto, na prática, foi ganhando experiência e adquirindo conhecimento acerca das especificidades do partejar.

Fui aprendendo com o tempo, com o próprio parto. Cada um via uma coisa diferente. Porque não tem dois partos iguais não. Assim como não tem dois rostos iguais. Até gêmeos, se botar os dois juntos, tem uma diferença um do outro. A mesma coisa é o parto.

(...)

Porque um parto normal, um parto espontâneo, a gente não faz. O menino nasce. Depois a placenta vem. (...) Agora um parto com complicação, pra se fazer, foi com o passar do tempo que eu aprendi e hoje eu sei que sei fazer um parto, não sei só pegar menino num parto espontâneo.

Zefinha atendia chamados em Itaúna, Serra da Iria, Sítio São Bento, Sítio Caldeira, Sítio Poços, Dois Riachos, Riacho Doce, Cachoeira Seca, entre outros locais. Algumas localidades eram bem distantes e de difícil acesso onde só se chegava andando – nem os cavalos conseguiam chegar. Por isso, diz, se acostumou a andar léguas e léguas “de pés”. Havia mulheres que preferiam “fazer as contas” de quando o bebê iria nascer para poderem se prevenir, descer das serras e ficar aguardando o nascimento em Itaúna.

No atendimentos aos partos domiciliares Zefinha fazia uso de chás, como o de camomila ou de erva-doce, para acalmar a parturiente e o de pimenta do reino para “acelerar as dores”. Dores essas que ela define como “uma dor, mas não é sofrimento. Uma dor com alívio. Sabe que vai passar. Dor que dá e passa. Dá pra respirar e descansar. Não é dor desesperada”. Para “facilitar” o nascimento, às vezes, o café com manteiga era utilizado. Evangélica, convertida logo após o casamento, geralmente cantava baixinho hinos da Igreja para deixar tranquilos todos os presentes.

Após o nascimento, as mulheres recebiam instruções acerca do aleitamento materno, os cuidados com o bebê e com o puerpério. Ela acompanhava o pós-parto das que moravam nas cercanias. Caso contrário, passava as orientações,

o “regime”: não se abaixar, não fazer esforço, não comer “bagulho”. Depois de uma semana podiam voltar à vida normal. Geralmente as mães cuidavam das filhas recém-paridas ou então uma comadre ajudava com a alimentação, a casa e os outros filhos. Se algo saísse da normalidade, Zefinha era chamada. Quase sempre a demanda era para averiguar as crianças. Ela conta que nunca teve problemas com as mulheres pois tinha o cuidado de não deixar “resto de parto”.

Ano após ano a demanda para “pegar menino” se tornou tão grande que não sobrava tempo para a costura. Assim, Zefinha resolveu que precisava de um emprego para ganhar dinheiro – o que não acontecia partejando na comunidade. Como gostava de estudar, a fim de ampliar o conhecimento já adquirido na prática, decidiu fazer um curso de Enfermagem Prática na União Beneficente dos Artistas e Profissionais de Caruaru. Pelo reconhecido tempo de atuação, foi contratada pela Prefeitura e, por um bom tempo, trabalhou – sem orientação ou supervisão de outros profissionais de saúde – na Maternidade de Itaúna, até esta ser desativada e transformada em um pronto-socorro.

Depois do período atuando em Itaúna, foi convocada para trabalhar na FUSAM – hoje Hospital Jesus Nazareno – maternidade estadual localizada no distrito sede de Caruaru. Até então Zefinha se definia como parteira tradicional, pois o que sabia sobre parto havia aprendido com as parteiras que lhe prestaram assistência e no fazer empírico. E também porque não fazia sutura. Foi a FUSAM o primeiro lugar onde viu uma episiotomia⁴ ser feita e onde aprendeu a suturar. Como era prática na instituição – e ela não sabia fazer –, ela ficava no banheiro treinando em tecidos e, por saber costurar desde nova, foi mais fácil aprender. O uso do procedimento no hospital é justificado por ela pelo fato de o atendimento ser “avexado” e, portanto, não ser possível dar às mulheres a atenção devida, como acontece na assistência em casa. Posteriormente à FUSAM, trabalhou, até se aposentar, em regime de plantões em maternidades no municípios de Cupira e de Jurema.

Mesmo atuando em diversas instituições de saúde, Zefinha nunca deixou de atender parto nos domicílios. Sobre a diferença entre a assistência no ambiente hospitalar e no domiciliar, ela diz que no primeiro a mulher não

⁴ A episiotomia é um corte no períneo (um procedimento cirúrgico) realizado de forma rotineira durante o parto, sem embasamento em evidências científicas.



era sua conhecida, era necessário ordens de médicos para poder atuar, além da prática ser intervencionista e a parturiente parir deitada com as pernas num gancho, posição que, segundo ela, promove a ocorrência de lacerações. Em casa, existia um vínculo entre elas e autonomia, o que colaborava com o desenrolar do processo de parto, sendo desnecessário o uso das práticas aprendidas no hospital. Além disso,

em casa era uma festa. Parto normal que não tinha problema nenhum, era um festa para gente. Era todo mundo rindo. Teve uma mulher que eu fiz o parto, do começo ao fim ela riu e quando terminou ela disse: “Já? Fizeram um bicho de sete cabeças. Já?”. Aqui em casa mesmo era uma festa.

As práticas diferem também no que diz respeito à espera: os médicos não esperam e as parteiras sim. Ela menciona que nunca precisou pontear uma mulher que pariu em casa, por exemplo, pois se esperava o tempo do nascimento sem intervenções e os cuidados caseiros tomados no pós-parto tratavam de sarar o que fosse preciso.

Unindo forças

No início da década de 1990, Zefinha era bastante conhecida e referenciada na região como parteira. E, como é comum entre parteiras de todo o país, sua atuação não se restringia aos cuidados com a gestação e o parto. Ela era procurada para resolver todos os tipos de dúvidas, necessidades ou problemas: brigas de casal, disputas por terras, empréstimo de dinheiro, pedido de auxílio para enterro, pedidos de doação de alimentos, cuidados com pessoas doentes. “Me achavam sábia”, diz. Segundo Fleischer (2015), em suas comunidades:

(...) as parteiras brasileiras são, além de obstetrizas populares (atuando no pré-natal, parto e puerpério das mulheres), também enfermeiras populares (porque atendem todo tipo de ocorrência em termos de adoecimento), psicólogas populares (porque socorrem aqueles com crises, nervoso, distúrbio mentais), puericultoras populares (porque cuidam dos bebês e crianças de suas clientes), assistentes sociais e advogadas populares (porque ajudam as mulheres a terem acesso a benefícios e direitos de várias ordens). Elas são profissionais multi-talentedas. (Disponível em (<https://parteirastradicionais.wordpress.com/2015/01/06/como-as-parteiras-podem-ajudar-a-melhorar-o-sus/>). Acesso em 03 mar 2016.)

Por ser liderança bastante respeitada onde vivia, conheceu, por meio do Projeto Comadre⁵, Maria dos Prazeres de Souza, coordenadora do projeto e parteira de Jaboatão dos Guararapes que se tornou sua amiga e espécie de tutora, repassando-lhe ensinamentos e compartilhando experiências. Muitos foram os dias que Prazeres passou em sua casa, chegando até a acompanhá-la durante os plantões na Maternidade de Itaúna. Muitas foram as conversas e as histórias que lhe renderam bastante segurança na sua atuação enquanto parteira. Zefinha diz que não “passou aperto” por causa das orientações recebidas de Prazeres.

Devido a essa proximidade, foi indicada por Prazeres a membros de uma organização não governamental que procurava parteiras naquela localidade. A partir desse contato, Zefinha ajudou a identificar as parteiras da região a fim de impulsionar a constituição de uma associação, da qual viria a se tornar presidente. Segundo o Instituto Nômades (2011), a Associação de Parteiras de Caruaru surge:

5 O Projeto Comadre, executado pela Secretaria de Saúde de Pernambuco sob coordenação de Maria dos Prazeres de Souza, tinha o objetivo de orientar as mulheres sobre a necessidade do pré-natal, do aleitamento materno e de outros cuidados antes e na hora do parto e atuava junto a parteiras tradicionais.

(...) a partir da iniciativa da ONG Cais do Parto, cujos integrantes foram ao município de Caruaru e circunvizinhança em busca de parteiras, reunindo-as e auxiliando-as na formação de uma associação para se organizarem enquanto categoria, procurar articulação com os gestores públicos, além do reconhecimento da ocupação. De acordo com as informações, a partir do incentivo da ONG Cais do Parto, D. Zefinha organizou a Associação de Parteiras Tradicionais de Caruaru, apesar de algumas parteiras terem receio de participar de uma associação – “de ser chamada para prestar contas de alguma coisa, se realmente sabe fazer parto, de falar como eu estou falando para vocês hoje, de contar como é que faz o parto. Naquele tempo elas não queriam, hoje elas já contam. (...). Aí foi passando e foi se reunindo, fomos chamando para ir na minha casa, nem falava que era uma reunião, aí juntava três, quatro, cinco conversava, já passava para as outras, já marcava outra data para ir, ou nós irmos para lá, e foi juntado e montando a associação assim. Até que chegamos a um ponto de dizer: agora, nós vamos fazer um estatuto, vocês têm que vir aqui, vocês têm que falar, dizer o que vocês querem, o que vocês aceitam, explicar como é uma associação, que vocês têm que assinar, vocês têm que se responsabilizar pelo serviço que vocês fazem, tudo que acontecer na associação nós somos responsáveis. Nós hoje somos reconhecidas como parteiras. Aí aconteceu, foi registrada uma associação”. (105-106)

Assim, em 1992, foi fundada a Associação, cuja atuação mobilizou e agregou parteiras de Caruaru e municípios vizinhos em prol de melhores condições para a prática e em busca de direitos. As reuniões da Associação, que aconteciam nos mais diversos locais, tornaram-se momentos de troca de experiências e de articulação política, tendo Zefinha no comando. À frente da Associação por quase 20 anos, Zefinha estabeleceu elos com o poder público e organizações não governamentais em busca de apoio para suas atividades: transporte, alimentação e espaço para a realização dos encontros; autorização para acompanhar mulheres no hospital em casos de transferências; demanda por promoção de cursos de capacitação voltados para parteiras tradicionais. Figura central entre as parteiras de Caruaru, tornou-se representante da categoria nos Conselhos Municipais

6 Em 2016, Zezé Parreira, integrante da Associação de Parteiros Tradicionais de Caruaru, foi a única mulher eleita para exercer mandato na Câmara de Vereadores de Caruaru no exercício 2017-2020.

de Saúde, da Mulher e do Idoso e chegou a concorrer ao cargo de vereadora do município como *Zefinha Parreira*, entretanto não foi eleita⁶.

Com um calendário de encontros e festividades, a exemplo do São João das Parteiros e do Desfile de 7 de Setembro, para além da esfera política, a Associação foi responsável pelo estabelecimento de uma rede de solidariedade e de amizade entre parteiras que até então atuavam de maneira isolada em suas próprias comunidades. Esta rede ultrapassou os limites da cidade, proporcionando a ida de integrantes a cursos de capacitação em outros municípios e a participação em encontros nacionais e internacionais de parteiras. Zefinha recorda – rindo – da aventura que foi ir ao Amapá, onde conheceu parteiras de vários lugares do mundo: “foi preciso pegar um ônibus até Belém e depois um barco até Macapá”. Essa teia de relações proporcionou também a recepção de estudantes estrangeiros de graduação em sua casa numa espécie de intercâmbio.

Muitas trocas foram feitas ao longo desses anos – ora com mais intensidade, ora com menos – e a residência de Zefinha virou sede, guardando um grande acervo documental e imagético da história desses encontros, amizades e parteria de Caruaru e região. Essa casa também pode ser concebida enquanto



um espaço de transmissão de saberes e de responsabilidades: Fernanda, filha de Zefinha, assumiu há alguns anos a presidência da Associação.

Ser parteira

A necessidade da comunidade fez Zefinha tornar-se – e prosseguir – parteira. Ao longo da vida foi construindo seu saber com base em suas próprias vivências enquanto parturiente e na assistência prestada a outras mulheres, incorporando o aprendizado do trabalho nos hospitais e maternidades, o conteúdo de cursos e a troca de experiência entre parteiras. Neste último caso, aprendendo com erros e acertos de suas pares, evitando a repetição do que havia acontecido com as outras, pois a parteira tem que “ter a inteligência pra resolver o problema na hora”.

Em sua trajetória, algumas pessoas e instituições foram marcantes. Além da citada Maria dos Prazeres de Souza, destaca Paula Viana, enfermeira da ONG Grupo Curumim, atuante na luta pela inclusão das parteiras tradicionais no Sistema Único de Saúde (SUS) e facilitadora de cursos de capacitação e treinamento para parteiras. Os cursos, oferecidos pelo Ministério da Saúde, Secretaria da Saúde e/ou ONGs, são sempre referenciados como momentos de aprendizado e de troca, tanto entre tutoras e parteiras quanto entre elas próprias. São também espaços de encontro com outras perspectivas e outros conceitos da assistência ao parto, espaços onde antigas práticas são nomeadas. Sobre o parto humanizado, Zefinha conta que “no começo” não se falava sobre isso e que o termo “surgiu” nos cursos de capacitação. Entretanto as parteiras não mudaram a prática, pois “fazer, a gente já fazia certo. Só veio o nome”. Ela mesma prestava assistência seguindo os preceitos do que se considera um parto humanizado, inclusive devido às orientações recebidas da sua comadre e também parteira, Prazeres.

O ser parteira, além de ser uma constante incorporação de saberes, um constante aprendizado, é também um ato de coragem, segundo Zefinha. São muitos os “causos” de partos que ela tem pra contar: anencéfalos, pélvicos, gêmeos, partos perigosos que, com atenção, foram resolvidos. Portanto “[pra ser parteira] precisa primeiro ter coragem. Eu trabalhei com médico na FUSAM que dizia que pra ser parteira precisa ser doida.

Precisa ter coragem e decisão. A ocasião é que nos orienta a fazer o que tá necessitando". Parteira para ela é

uma pessoa muito resolvida, muito segura do que tá fazendo e, eu pelo menos, gostava muito e gosto de ser parteira. Nunca achei nada difícil na arte de parteira, na profissão de parteira. Sempre Deus me ajudou que eu me sai bem, conhecia, tinha conhecimento da situação e tudo deu certo. Graças a Deus nunca aconteceu mal nenhum a mulher nenhuma comigo não.

A vida de parteira é marcada pelo desafio e pelas dificuldades, mas também pela alegria e pela emoção. Em sua história, o nascimento mais emocionante foi o de Elisa, sua primeira neta, filha de Dedé, seu filho, e de sua nora, Márcia, por suas mãos. Nasceu às 2h20 da manhã na Maternidade de Itaúna, onde estava de plantão, e, mantendo a tradição festiva da família, após o nascimento houve uma comemoração na praça em frente à maternidade.

Por onde passou, Zefinha formou parteiras transmitindo o ofício à geração seguinte. Em Itaúna, ensinou Joelma. Em Cupira, Maria das Dores. No seio de sua própria família, uma vez que duas de suas filhas são parteiras, enfermeiras formadas, e atendem partos em maternidades e hospitais. Fernanda, a mais nova, também é parteira tradicional, presta assistência a partos domiciliares e já atendeu, inclusive, partos de crianças nascidas pelas mãos de sua mãe.

Contudo, acerca do futuro do ofício, Zefinha não tem boas perspectivas. Apesar de a parteira ser bastante respeitada e valorizada na comunidade onde atua e trabalha, – e de ela própria ter vivido a valorização da profissão nos hospitais – o mesmo não ocorre entre médicos ou políticos. O contexto atual também não colabora com a continuidade do ofício, uma vez que no pré-natal a gestante é orientada a não buscar ajuda de parteiras tradicionais e incentivada a se dirigir a uma instituição de saúde para dar à luz a seu bebê. “A educação que estão dando às mulheres é ir à maternidade”. Por isso, teme que o parto domiciliar assistido por parteiras tradicionais um dia não exista mais.

Contabilizando mais de 1000 partos atendidos em domicílios e mais de 2000 no total, Zefinha, mesmo com o avançar da idade e a diminuição da frequência dos chamados, mantém-se disposta a atender. Continua atuante,

compartilhando sabedoria, participando de encontros, programas de televisão e de documentários ou colaborando com o projeto de um Museu da Parteira⁷. O passar do tempo não a “aquietar” ou a faz deixar de ser “cheia de ideias”. “Eu era trelosa, cheia de ideia, feito Maria. Quando Maria diz: ‘ô mãe, tô pensando’, eu digo: ‘não pense não’. O pensamento dela só dava em doidice. Eu era do mesmo jeito”. E continua assim. Parece. Recentemente resolveu ir a pé de casa, no bairro Vila Padre Inácio, distrito de Caruaru, onde mora com Maria, até Itaúna, a fim de testar sua força física (adquirida nas muitas léguas andadas para “pegar meninos”). Para tal, treinou por um período caminhando próximo de casa. No dia agendado, reuniu a família e foi. Maria foi acompanhando na Kombi com suprimentos, água e comida. Fernanda, não conseguiu e fez parte do trajeto de carro. Em seis horas e meia, ela chegou ao destino. Chegou bem. Zefinha segue destemida e “inventando”.

7 A ideia do Museu da Parteira surgiu de uma conversa entre Zefinha e Prazeres e se tornou um museu em processo, ou seja, um conjunto de ações museológicas com vistas a construção deste museu pensado por elas.

REFERÊNCIAS

FLEISCHER, Soraya. *Como as parteiras podem ajudar a melhorar o SUS?*. Disponível em (<https://parteirastradicionais.wordpress.com/2015/01/06/como-as-parteiras-podem-ajudar-a-melhorar-o-sus/>) Acesso em 03 mar 2016.

FLUNDAJ. *Parteiras tradicionais: entre a tradição e a contemporaneidade*. Relatório de pesquisa. Mimeo. Recife, 2009.

INSTITUTO NÔMADES. *Inventário dos Saberes e Práticas das Parteiras Tradicionais de Pernambuco*. Mimeo. Recife, 2011.



*A cada parto, um ano
a mais de vida —*



Ser parteira para Maria das Dores da Silva Nascimento (Mãe Dôra)

por **Júlia Morim**

Os caminhos pelos quais a vida nos leva e os encontros que eles nos trazem

Meu primeiro encontro com Dôra aconteceu durante um curso voltado para parteiras Pankararu, em 2008, na Aldeia Brejo dos Padres, no município de Tacaratu (PE), quando apresentamos a proposta de realização do Inventário dos Saberes e Práticas das Parteiras Indígenas de Pernambuco. A ida até o Território Indígena Pankararu, em um momento em que parteiras e aprendizes estavam reunidas, possibilitou conhecê-las e pactuar sua participação na pesquisa. A princípio houve certa desconfiança e a imposição de algumas regras, notadamente no que diz respeito a não revelar informações acerca dos saberes medicinais. Naquele contexto, Dôra já se destacava como liderança entre elas, demonstrando sempre bastante preocupação em proteger o conhecimento de seu povo.

Durante a execução do Inventário, em 2009, eu estava grávida, o que me fez ter uma outra relação com as parteiras. Uma abertura maior, talvez. Apesar de não ter entrevistado Dôra, passei a conhecê-la, mesmo que pouco, por ela ser referência para todas as parteiras com quem conversava. Aquela mulher, a princípio arredia, desconfiada e às vezes sisuda, era o elo de ligação e vinculação entre parteiras e aprendizes da etnia. Muito querida, era também uma autoridade e representante das parteiras na interlocução com outros atores.

Os anos passaram. Nos reencontramos em 2013 quando a exposição fruto do Inventário foi montada na Aldeia Brejo dos Padres, onde ela mora. No mesmo ano, em dezembro, nos encontramos, mais uma vez, no I Encontro de Parteiras Tradicionais do Distrito Federal e Goiás, ocorrido nas cercanias da Brasília. Nos dias em que passamos lá pudemos estabelecer uma aproximação maior. Nos conhecemos melhor, soube um pouco mais da sua história e de suas vivências. Voltamos de Brasília juntas no avião, lado a lado, conversando,



brincando e rindo. Desse encontro nasceu esse projeto. Desse encontro e da necessidade de narrar essas histórias que não podem permanecer desconhecidas ou ser esquecidas.

Com base nas entrevistas feitas em 2015 pela pesquisadora Dan Gayoso e em 2017 por mim, bem como em outras fontes, a exemplo de narrativas de outras pessoas que estiveram junto a Dôra pesquisando a realidade das parteiras Pankararu, construírei e registrarei sua trajetória de vida. Assumo a responsabilidade, imaginando o sorriso tímido de Dôra ao ver sua história nas páginas desse livro.

Dôra

Dôra não é uma mulher fácil de encontrar em casa. Formalmente, trabalha como técnica de enfermagem no posto de saúde¹, onde, entre outras coisas, aplica vacina, faz curativo, ajuda no pré-natal e auxilia médicos e enfermeiros no atendimento geral. Por destino, atende partos, estes sem hora certa, e faz visitas domiciliares às gestantes. Aos finais de semana, quase sempre, vai a alguma festividade tradicional de seu povo ou de sua aldeia. Quando pergunto se ela tem sossego, ela diz: “Tenho. Cinco minutos que eu relaxo é bom demais!”. Das pessoas que vão se abrindo aos pouquinhos, sempre com respostas curtas, sem se alongar, Dôra diz que é “ruim de conversa”. Com o convívio, seu sorriso aparece. E não desaparece mais.

Nascida em 1964, na aldeia Brejo dos Padres, na Terra Indígena Pankararu, localizada na fronteira dos municípios de Tacaratu, Jatobá e Petrolândia, estado de Pernambuco, foi a primeira filha de Maria Januária da Silva, ou Janu, e João Joaquim da Silva. Ainda criança, os pais se separaram e Dôra, como filha mais velha, precisou ajudar a mãe na criação dos irmãos – que são muitos, cerca de vinte, considerando os filhos dos casamentos posteriores da mãe e do pai. Da infância, não tem boas lembranças, pois foram inúmeras as dificuldades vivenciadas. Ela descreve que, para ir a escola, na sede do município de Tacaratu, após o trabalho no roçado, precisava subir e descer várias serras a pé, pois na aldeia havia apenas o ensino fundamental e não havia transporte diário para esse percurso. Os percalços a fizeram parar de estudar na quinta série do ensino fundamental. O ensino médio foi concluído com cerca de 30 anos.

1. Ao ler esse trecho para Dôra, na mesma hora, ela ressalta: “Mas eu não me identifico como técnica. Só parteira. Eu não envolvo essa parte”.

Ainda criança, por conta das reorganizações e demandas da vida, enquanto os pais moravam em Paulo Afonso (BA), viveu um tempo com a avó. Aos 11 anos foi também para Paulo Afonso, para trabalhar em uma casa de família, cuidando de uma criança. No período em que esteve lá seus patrões pagavam uma professora particular para que lhe ensinasse, de modo que, mesmo fora da escola, estava estudando. Seu salário era repassado para sua mãe. Após cerca de três anos, os patrões se mudaram e ela retornou para a aldeia Brejo dos Padres, onde reside atualmente.

A dureza da lida, o trabalho árduo na roça, a venda de vassouras para sobrevivência, a escassez de acesso aos serviços públicos básicos e o preconceito sofrido na escola por ser indígena são fatos que a emocionam e que não gosta de recordar. Hoje em dia, percebe a melhoria nas condições de vida de todos das aldeias, a exemplo de acesso à saúde e à educação no próprio território. “Agora aqui tá uma maravilha”, diz.

Aos 21 anos casou no civil com Cícero, após um namoro de quase seis anos. Em 2000, casaram-se no religioso, com direito a festa e tudo. Segundo conta, ela havia ido à igreja para batizar o afilhado quando o padre perguntou se era casada no religioso. Com a pergunta, ela começou a chorar. Então brincou afirmando que se o mundo não se acabasse na virada do milênio, casaria na Igreja. Como isto não aconteceu, resolveram comemorar. Dessa união têm um filho, Luciano, e um neto, Henrique. Dôra ficou grávida três vezes, mas, por complicações, duas de suas gestações não foram à frente.

Apesar de ter apenas um filho de barriga, Dôra tem muitos “filhos de umbigo”. São crianças que ela ajudou a por no mundo, tornando-se delas “mãe de umbigo”. Inclusive, foi “mãe de umbigo” antes de ser mãe de barriga. Entre os Pankararu, o nascimento de um bebê é um evento eminentemente feminino. Quando uma mulher entra em trabalho de parto, além da parteira oficial, é comum a presença de várias mulheres dentro e fora da casa. São familiares, parentes, vizinhas. Mulheres apoiando outras mulheres no momento de dar à luz aos seus filhos. Dôra lembra que mesmo antes de passar por seus processos de gestação sempre esteve próxima dos eventos de nascimentos de seus irmãos, primos e vizinhos. No início da adolescência, conta, ajudava e cuidava das primas recém-paridas – e até mesmo

de sua mãe – lavando os panos, preparando a comida e os banhos de assento. Uma vez, quando tinha 18 anos, sua cunhada estava em trabalho de parto e Dôra estava junto a outras pessoas do lado de fora da casa. Mãe Chiquinha, a parteira, mandou chamá-la para ajudar no parto, apesar de Antônia e Mariinha (outras parteiras) também estarem lá dentro a auxiliando. Até hoje ela não sabe o porquê de Mãe Chiquinha tê-la chamado e não a outra pessoa. Envergonhada, Dôra entrou na casa e ajudou a parteira. O fato foi tão marcante que ela lembra ainda dia e hora: “Era umas sete horas da noite de uma segunda-feira. Lembro até o dia e a hora porque isso ficou na minhas cabeça, né? Dia 15 de setembro”. Era início da década de 1980. Ali Dôra iniciou sua atuação como parteira e começou a tornar-se a referência que é hoje para seu povo e para Pernambuco.



Mãe Dôra

Parteiras são comumente chamadas de mães ou madrinhas nas comunidades onde vivem e atuam. Com Dôra não é diferente. E ela gosta de ser chamada assim: Mãe Dôra. Porém, até ali, naquele 15 de setembro, aos 18 anos, naquele parto em que o bebê nascia pelos pés e a parturiente sangrava, ela nunca havia pensado em ser parteira. Ao chamado de Mãe Chiquinha, ela entrou na casa, foi seguindo as orientações e ajudando a parteira:

(...) ela tinha botado ela no assento para parir, para ver se conseguia ajeitar o pé do bebê. (...) ela teve movimento dela pegando o pezinho, para pegar os dois. Ai me deu aquela vontade de eu segurar só aqui nela, né. Ai eu olhei assim para ela, ela encostou a cabeça em mim. Eu fiquei fazendo movimento na barriga dela. Eu nunca tinha visto. Não sabia como era. Eu fui fazendo os movimentos, fazendo e fazendo. Ela disse que foi sentindo, ela mesma conta, que foi sentindo mudando, aquela diferença na barriga dela. Quando eu fiz assim o menino nasceu. Mãe Chiquinha tava olhando para mim, mas eu tava tão concentrada, ou era nervoso, que eu não sei. Mas eu não via que eu tava me tremendo. Ai ela olhou assim: “minha fia, sabe que você dá para coisa”. Eu disse: “Não, eu que não quero essa profissão”. “Pois minha fia, você vai ficar fazendo esse serviço.” “Eu não”.

Assim, Mãe Chiquinha, já idosa, passou a chamá-la para os partos e a repassar ensinamentos sobre os segredos do nascimento e o uso de técnicas, ervas e chás. O segundo parto ocorreu pouco mais de uma semana depois da primeira experiência. Convocada novamente por Chiquinha, Dôra, envergonhada, pediu que sua vizinha a acompanhasse para não ir sozinha. Chegando lá Mãe Chiquinha disse: “Venha praqui. Chegue que é pra fazer um remédio. Uma meizinha”. Quando o bebê estava coroando, Chiquinha, sentada no chão – “Ela era uma senhora, mas sentava no chão, ficava de cócoras.”, diz Dôra –, pediu para que ela se sentasse ao seu lado e ordenou: “Pegue”. Dôra respondeu: “Eu não sei”. Mas Chiquinha insistiu: “Você sabe. Pegue.”. A emoção foi grande e a vergonha também (de mangarem dela). Chiquinha alertava: “Preste atenção ao que tá fazendo.”. Depois dessa experiência, as mulheres passaram a chamar, além de Mãe Chiquinha, Dôra para lhes auxiliar nos nascimentos dos filhos.

Como sua mãe e sua tia Quitéria eram parteiras, Dôra também passou a acompanhá-las a fim de ampliar o aprendizado. Nessa época, lembra, não havia hospital próximo para assistência, tampouco havia “carro” para fazer o transporte, caso fosse necessário. O acesso a material para a atenção ao parto era difícil e os que Dôra possuía – pinard de madeira, tesoura, luvas e gaze – foram dados por sua tia, que também repunha os descartáveis. Quitéria era liderança reconhecida para além de Pernambuco e, visando a ampliação dos recursos no cuidado às mulheres da localidade, pediu a um amigo técnico de enfermagem que oferecesse um curso de atendente de enfermagem para Dôra e outras parteiras Pankararu. Durante seis meses, no ano de 1992, João Vicente foi ao posto de saúde da aldeia ministrar aulas sobre curativos, aferição de pressão, injeção, etc. Pela experiência acumulada por Dôra como parteira – havia 10 anos que ela “pagava menino” –, sua tia achou importante que ela estagiasse no hospital para aprender acerca dos possíveis riscos e soluções para os partos. Dôra lembra que era alta a incidência da mortalidade infantil pelo “mal de sete dias” e que não havia cursos voltados especificamente para parteiras. Assim, em 1993, por seis meses, estagiou “em sala de parto” no Hospital de Petrolândia.

Após percorrer esse trajeto, se aproximar dos conhecimentos da biomedicina e também acumular saberes tradicionais, foi contratada em 1995 como agente de saúde pela Prefeitura Municipal de Tacaratu, atuando em sua aldeia. Antes, além de parteira, Dôra trabalhava na roça e vendia vassouras, pinhas e mangas na feira. Por exigência do emprego e do COREN², ela seguiu estudando formalmente. Em Delmiro Gouveia (AL), cidade próxima, fez o curso de auxiliar em enfermagem e, em seguida, em Maceió, realizou a etapa de prova escrita, prova teórica e estágio hospitalar. Em 2000, com a implantação da política de saúde indígena, foi contratada, desta vez pela Prefeitura Municipal de Jatobá (PE), com o grau de auxiliar de enfermagem, como agente de saúde indígena. Depois cursou o nível técnico em enfermagem. Em 2007 foi contratada como técnica para a Saúde Indígena pela Secretaria Especial de Saúde Indígena/ Distrito Sanitário Especial Indígena (SESAI/DSEI), trabalho ao qual está vinculada até hoje. Questionada sobre a diferença entre o trabalho de auxiliar e de técnico de enfermagem ela responde que é a mesma coisa, porém “ganha

2 Conselho Regional de Enfermagem, órgão de classe no qual auxiliares, técnicos e enfermeiros são registrados e que dá a permissão de trabalho para essa categoria de trabalhadores.

melhor”, entre aspas. Indagada se, seguindo a lógica dos últimos anos, terá que fazer faculdade, diz sorrindo: “Se for pra fazer... Se disserem pra ser médico, eu vou”. Entretanto, comenta que não tem vontade e que já está perto de se aposentar. Porém dos partos, só Deus a aposenta!

Para Dôra, o fazer, a prática, é estrutural em sua formação como parteira. Mesmo que sua trajetória tenha sido permeada por cursos inseridos no paradigma da biomedicina e por capacitações oferecidas a parteiras tradicionais por ONGs, secretarias e Ministério da Saúde, e ainda que ela faça a articulação entre os dois conhecimentos (tradicional e biomédico), o aprendizado empírico e com parteiras mais experientes são o cerne de sua percepção do ser parteira. “Não tem curso pra parteira não. Tu acha que tem? Tem não. Parteira tradicional não tem curso pra elas não. Só é o conhecimento que vai passando de geração pra geração. Não tem esse negócio de curso não”, diz Dôra. Perguntada sobre como aprendeu, ela responde contundentemente: “Fazendo!”

Ao acompanhar parteiras “mais velhas”, ela era instigada a prestar a assistência: “Botava eu pra fazer, mandava ir pegar as ervas, dizendo quais as ervas pra mim dar, no momento pra mim dar (...) Eu decorava (...) Manobra... Posição... Posição do bebê. Onde é que tá. Se ele tá mais pra um lado. Como a gente devia fazer pra ele ficar na posição reta”. Ao longo de seu percurso, agregou saberes ao seu repertório por meio de trocas, das narrativas que ouvia, do compartilhamento de experiências em ocasiões nas quais várias parteiras estavam juntas, a exemplo dos encontros de parteiras. “Uma diz uma coisa que fez naquela hora e quando a gente topa numa coisa igual, a gente já pensa que fulana fez assim, e tenho uma fé em Deus que vai dar certo. E dá”.

Além da técnica, soma-se à assistência prestada por Dôra a espiritualidade de seu povo. Ela, porém, não gosta muito de falar sobre isso, pois, ao ser questionada se faz muito uso dessa ciência, ela responde: “Nem sei. Essa parte eu nem sei contar”. Mas revela que existe sim a forte presença da espiritualidade indígena. “Tem. Tem momento que a gente tem que usar a sabedoria da aldeia, do nosso povo, dos nossos antepassados, das parteiras velhas. Tem um bocado de “caqueado” lá”. E começa a rir, deixando sempre um mistério no ar. Sobre o tal “caqueado” diz: “Isso aí não aprende não. Isso

aí vem pela natureza”. Essa sabedoria é acionada sempre que se chega na casa da buchuda, por meio de pedidos e orações, entre outras coisas, como uma espécie de pequeno ritual para um bom desenrolar do parto. Ao atender um parto os canais de comunicação com Deus, os encantados, os guias de luz, as antepassadas parteiras estão presentes e, muitas vezes, ela sente a presença deles. “Sei lá. Eu sinto. Sinto que eu não tô só naquele momento. Tamos ali duas, três pessoas, mas tem algo mais ali”.

A atuação da parteira – “A gente passa por cada coisa”

O trabalho da parteira é de parceria. Assim, Dôra define o modo de atuação das parteiras Pankararu. “Sempre quando a gente tá nos partos, a gente avisa uma à outra. ‘Diga a tal que venha aqui. Diga a Tixa, Tia Ana, Juliana, Luciene...’. Quem tiver mais próximo daquela casa a gente chama. Aprendiz, parteira.”. É raro ter apenas uma parteira em atuação. A presença de mais uma parteira ou aprendiz é negociada com a mulher, que geralmente concorda ou indica outra pessoa de sua confiança, o que faz com que se transmitam e se mantenham os conhecimentos tradicionais acerca desse processo. O trabalho compartilhado em dupla ou em trio reforça laços e saberes entre seus pares. Assim, a prática e os cuidados com gestantes, parturientes e puérperas são resguardados e mantidos na comunidade. Dôra tem papel crucial na salvaguarda dos saberes e na renovação da prática, sendo citada por parteiras e por vários trabalhos acadêmicos realizados nos últimos anos (ver referências).

Embora cada parto seja único, há um certo roteiro em seu desenrolar. Apesar da preocupação de que os conhecimentos Pankararu não sejam revelados para os de fora, Dôra, superficialmente, conta como se dá a assistência prestada pelas parteiras. É comum o uso de ervas, rezas e orações para situações específicas, bem como defumações para a purificação de ambientes. O campião (um tipo de cachimbo) e o ato de fumar para fazer pedidos e invocações aos encantados integram o cenário do parto. Massagens para apumar o bebê “desalinhado” e aliviar as dores da mãe e soprar uma garrafa para auxiliar a saída da placenta são algumas técnicas utilizadas. O cordão umbilical é cortado apenas após a saída da placenta: “Porque ali é uma



segurança pro bebê também. A gente manda a mãe respirar pra passar oxigênio pro bebê, pra que o pulmão dele fique forte, e o cordão fica pulsando, passando sangue. A gente sente ele batendo. Vai mudando de cor”. Para o nascimento do bebê e expulsão da placenta há formas de agradecimento, mas que não podem ser contadas. O período de resguardo demanda cuidados que são ensinados ou então executados pela parteira: “Tem a alimentação. A gente já orienta ela sobre o banho de ervas. Quando não tem quem vai buscar, a gente mesmo vai. Tem mulher que não tem quem lave as roupas, a gente lava. Deixa tudo limpinho”.

Sobre as mudanças em sua prática, Dôra revela que as ervas e seus usos continuam os mesmos, porém o material utilizado na assistência ao parto foi sendo modificado ao longo do tempo – a exemplo do uso de tesoura específica e de álcool a 70% para cicatrização do coto umbilical – principalmente após participar de oficinas e cursos de capacitação oferecidos por ONG’s e Secretarias de Saúde.

O limite de sua atuação é claro e, quando necessário, as mulheres são encaminhadas para o hospital, como no caso em que mesmo após o uso de todos os procedimentos ao seu alcance a placenta não foi expelida, ou quando tratou com ervas uma hemorragia pós-parto, mas quis se certificar de que estava tudo certo. Dôra lembra também da vez em que o bebê ia nascer de face e ela encaminhou para o hospital. Lá insistiram no parto normal, apesar de ela já haver dito que seria necessária uma cesariana. O médico disse: "Parteira sabe de nada!" O bebê entrou em sofrimento e terminaram realizando a cirurgia. A desvalorização, por parte de profissionais de saúde, de sua fala, de sua autoridade, a deixa magoada:

Só porque tem um diploma na parede e acha que a parteira não é nada. Me entristece uma coisa dessa. A gente luta, a gente trabalha. Na hora que for, no dia que for. Deixa a família para tá na casa o dia todinho. Se for precisar eu fico o dia e a noite na casa. E quando a gente chega fora pra pedir uma ajuda eles faz de conta que não é ninguém.

Se em algumas instituições hospitalares Dôra não consegue permanecer como acompanhante da mulher, em outras – quando os funcionários a conhecem – ela é aceita, com a diferença de estar dentro do hospital. A relação entre parteira e serviços de saúde e a variação de acesso ao ambiente hospitalar reflete o valor dado ao trabalho da parteira. Se por alguns já foi tratada como ignorante, por outros foi parabenizada pelo trabalho realizado, a exemplo do caso da reanimação de um bebê, cuja história a emociona toda vez que conta. Era maio e duas gestantes entraram em trabalho de parto. Como uma morava mais perto e Dôra sabia que precisaria encaminhar a outra para o hospital, porque era diabética, decidiu verificar primeiro como estava a que vivia mais próxima. Como ela estava na fase inicial do trabalho de parto, apenas com dois centímetros, seguiu direto pra casa da outra gestante.

Quando eu cheguei lá o bebê já tinha nascido (ela dá uma pausa). Ai a menina que tava lá ajudando no parto disse: "Corre Dôra que eu acho que o bebê tá é morto". Eu disse: "Já nasceu?". Ela: "Já". Sem nenhuma parteira. Só tava a prima dela lá. Quando ela chamou, a prima foi. Ai eu: "Valei-me minha Nossa Senhora". Ai entrei dentro do quarto. Quando eu peguei o bebê

ele tava todo roxinho. Quando eu virei ele assim, aí tava aqui o cortinho (lábio leporino). “Minha Nossa Senhora”. Aí comecei a dar massagem nele. Comecei a fazer... Comecei a dar massagem nele. Comecei pelos pezinhos pra ver se ele reagia. E fazia movimento, fazia movimento e nada. E o diabo dessas bolsas deambu³ são muito grande e não dá pra sair... porque eu ia encaminhar ela pro hospital porque ela é diabética. Aí eu pedi uma fraldinha, elas me derem, eu botei na boca do menino e fiquei soprando, soprando, soprando. Mandei correr atrás de carro. E nada de carro. “Venceu a quilometragem, não tem carro, não sei o que”. “Então vai atrás do outro”. Aí foram atrás de outro carro, mesmo, locado. Mas conseguiram trazer. Eu fui pro hospital reanimando esse bebê. Eu sentia que ele tava querendo vir. Aí eu dando meu ar pra ele. Aí ele fez: emm (chorou). (...) Quando cheguei aí tinha um enfermeiro que já tinha trabalhado na área e disse: “O que é Dôra?”. Aí contei o caso pra ele. Eles já correram com o bebê pra botar no oxigênio. E o bebê lá ruinzinho. (...) Aí pegaram o carro do SAMU (Serviço de Atendimento Móvel de Urgência). Foi o médico, foi o enfermeiro, foi pra Paulo Afonso. Eles dandoambu. Quando chegou no hospital, eles deram entrada na emergência. Eles perguntaram quem foi que tinha feito o parto. Disseram que tinha nascido em casa e a parteira chegou e deu assistência. Aí a doutora disse: “Mas quem é essa parteira?”. Aí disseram. Aí ela disse: “Ela tá de parabéns. Essa parteira tá de parabéns. Eu queria conhecer ela”. **Quando eles me disseram, eu me emocionei porque uma pessoa assim reconhecer o trabalho da gente é uma coisa muito bonita.** Aí Carlinho disse: “Não Dôra, não fica assim não”. **Mas a pessoa se emociona. A pessoa dizer assim que a gente salvou uma vida, né. Isso ficou marcante mesmo.** Porque a doutora reconheceu o trabalho da parteira, né. (ênfase nossa)

A parteira encaminhou o bebê para o Recife, onde fez os exames e a cirurgia necessários para o lábio. Após uma semana no hospital, no retorno, a mãe levou o filho à casa de Dôra para mostrar como ele estava bem e agradecê-la: “Uma coisa bonita também que eu achei foi quando ela chegou do hospital, me abraçando chorando, agradecendo. Só que era as duas chorando. E a avó também – que a avó é minha vizinha. O primeiro neto dela”.

3 Ambu é um reanimador manual.



O choro, as emoções e situações difíceis integram o ofício e marcam a trajetória da parteira. Antes desse caso, Dôra havia assistido, junto com Tia Ana, um parto em que um bebê nasceu aparentemente morto. Foram 30 minutos de reanimação, utilizando massagens, estímulos e também rituais e pedidos, sempre falando baixinho, com cuidado para não demonstrar quão aflitas estavam. Em determinado momento, Dôra achou que ele tinha realmente “parado”. Cortou o cordão umbilical, enrolou o bebê em um pano e o “sacudiu” nos braços de Tia Ana, enquanto esta cantava, cantava, cantava pedindo auxílio dos encantados. “Foi uma ideia que eu tive de minha cabeça”, diz Dôra. Nesse movimento o bebê fez um barulho, respirou e logo em seguida chorou. Junto com ele choraram todos que lá estavam. “Todo mundo foi chorar porque foi muito emocionante. Eu não vou esquecer esse parto nunca na minha vida. Sempre passa na minha cabeça”.

Ser Parteira – “Faço de tudo um pouco”

Dôra conta mais de mil partos assistidos. Número que reflete não a ideia cartesiana de cálculo, mas a proximidade com as mulheres e as famílias de seu povo. Ela começou a registrar os partos que atendia, mas não sabe onde está o livro em que fazia as anotações. Mesmo sem descanso, nunca pensou em desistir do ofício. “Nunca passou por minha cabeça não. Pode ser que até passe. (...) Até agora não. Nem quando eu tenho raiva eu não penso. (...) E tem ex-parteira? Nunca vi não”. Ser parteira para ela:

(...) é um dom de Deus. Eu adoro fazer parto. Eu adoro tá partejando ali. É uma coisa que me faz bem. (...) Eu saio renovada. Cada parto é um ano que eu ganho. Porque às vezes eu me deito com tanta dor – que eu tenho hérnia de disco –, quando chega gente chamando, meu filho diz: “Oxente mainha, já ficou boa?”.

São inúmeros partos marcantes e bonitos na memória. Os sentimentos nutrem o corpo e a alma.

Cada parto tem uma emoção. Porque é uma coisa que eu gosto de fazer. Gosto de ajudar. Fazer o parto não. Quem faz o parto é a mulher. Eu só ajudo. Ajudando, auxiliando. Usando minhas ervas. (...) Não tem dia, nem hora. Chovendo, é sol quente, não sinto cansaço. (...) Mas eu me sinto tão bem do que faço que aquele ali me ajuda a sobreviver.

As emoções e a gratidão recebidas das famílias atendidas movem a parteira, mesmo passando por momentos difíceis. Seu trabalho não se restringe ao ciclo gestação/parto/pós-parto. A parteira também faz as vezes de psicóloga de todos. É quase juíza, quase assistente social. “Faço de tudo um pouco”.

Apesar de ser bastante respeitada em sua comunidade, Dôra se queixa da falta de apoio do governo municipal e dos profissionais de certos hospitais que demonstram má vontade em orientá-la ou averiguar a situação de uma mulher ou uma criança que ela leva ao hospital, por exemplo. Porque, diz ela, se leva para algum estabelecimento médico é porque é preciso.

Após tantos anos pegando menino Dôra vislumbra um futuro de luta para as parteiras chegarem onde querem. A inclusão do trabalho das parteiras no SUS

é “um sonho” no qual acredita: “Com muita luta, muito sofrimento a gente vai conseguir”. A união e o repasse dos saberes fazem parte desse porvir. “Eu desejo mais é assim de ver as parteiras tudo unida, trabalhando, ensinando as aprendizes pra ter sempre uma pessoa de referência naquela localidade pra que não seja uma coisa em vão. Pra que tenha um futuro melhor. Eu creio assim, né.”. Não é à toa que, segundo ela, coragem e força de vontade são atributos essenciais de uma parteira.

REFERÊNCIAS

COSTA, Elisa Massarioli da. *A dinâmica do parto no processo criativo do método Bailarino-Pesquisador-Intérprete: um aprofundamento sobre a relação diretora-intérprete e sua importância no nascimento da dança*. Tese de doutorado em Artes da Cena. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2016.

GIBERTI, Andrea Cadena. *Nascendo, Encantando e Cuidando: uma etnografia do Processo de Nascimento nos Pankararu de Pernambuco*. Dissertação de Mestrado em Saúde Pública. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.

INSTITUTO NÔMADES. *Inventário dos Saberes e Práticas das Parteiras Indígenas de Pernambuco*. Mimeo. Recife, 2010.

RAMOS, Mirna Cruz. *Cuerpo y reproducción entre los Pankararu del Noreste de Brasil*. Tese de doutorado em Ciências Sociais. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2010.



© Todos os direitos reservados.

É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e que não seja para venda ou qualquer fim comercial.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Heloísa Bazante da Silva
Gilchrist CRB-4/ P-1577

M854 Morim, Júlia

Mães de umbigo / Júlia Morim; Elaine Müller. – Recife: Editora

Bebinho Salgado 45, 2017

64 p: il; 15x21 cm

ISBN 978-85-94143-00-6

I. Obstetrícia. 2. Parteiras – Biografia. 3. Patrimônio cultural – Recife. I. Bebinho Salgado 45. II. Júlia Morim de Melo. III. Elaine Müller. IV. Eduardo Queiroga. I. Título.

CDU 618.2

PROJETO GRÁFICO Zoludesign

TEXTOS Elaine Müller e Júlia Morim

REVISÃO DE TEXTO Carlos Costa

FOTOGRAFIAS Eduardo Queiroga e acervo pessoal de Maria dos Prazeres de Souza, Josefa Alves de Carvalho e Maria das Dores da Silva

TRATAMENTO DE IMAGENS Marcus Cabral – Retoque de Imagem

IMPRESSÃO E ACABAMENTO Gráfica Facform

INCENTIVO Governo do Estado de Pernambuco, Secretaria de Cultura de Pernambuco, Fundarpe e Funcultura

REALIZAÇÃO Instituto Nômades/Bebinho Salgado 45

UMA AÇÃO Museu da Parteira



O conteúdo deste livro está disponível no site
www.institutonomades.org.br/maes-de-umbigo

Este livro foi produzido entre dezembro de 2016 e novembro de 2017. As fontes utilizadas foram: *Jane Austen*, desenhada e distribuída por Pia Frauss em 2005; e *Rue Display*, desenvolvida e comissionada por Winnie Tan em 2010. Impresso sobre papel off-set 90 g/m² (miolo); e Reciclato 250 g/m² (capa) com tiragem de 1.000 exemplares.

APOIO



INCENTIVO



SECRETARIA
DE CULTURA



GOVERNO DO ESTADO
Pernambuco

PRESENÇA QUE FAZ A DIFERENÇA

